



GUIA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS DE LEITURA



GUIA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS DE LEITURA

COORDENAÇÃO

LEILA APARECIDA BOMFIM

AUTORIA

CLÁUDIA MAZZINI PERROTTA

LEILA APARECIDA BOMFIM

LIDIANE OLIVEIRA SANTOS

EDITORAÇÃO DO DOCUMENTO

ARIANE KLEBIS MARTINEZ

SÃO PAULO

NOVEMBRO DE 2007



SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	04
II. MARCO CONCEITUAL E REFERENCIAL DA AVALIAÇÃO	07
II.1. A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL	07
II.2. O QUE SÃO INDICADORES?	13
II.3. OS INDICADORES DO PROGRAMA PRAZER EM LER	
III. COMO UTILIZAR OS INDICADORES?	15
IV. CONCLUSÃO	42
V. BIBLIOGRAFIA.....	43
VI. ANEXOS.....	44



I. INTRODUÇÃO

Esta é a chave de leitura do Programa Prazer em Ler : uma leitura que abre outra leitura, que abre outra leitura, que abre outra leitura, que...

Prazer em Ler, 2006

Aqui está nosso segundo material de leitura coletiva do *Sistema de Acompanhamento e Avaliação do Programa Prazer em Ler*. Com ele, pretendemos continuar buscando uma compreensão comum sobre avaliação de projetos de leitura. Além disso, orientar e articular procedimentos de coleta de dados, análise e reflexão conjunta sobre os processos e resultados do Programa, realizados por meio de uma centena de projetos em todo o país. Por este motivo, estamos denominando-o *Guia de Acompanhamento e Avaliação dos Projetos de Leitura do Programa Prazer em Ler*.

O *Guia* foi elaborado a partir de estudo dos documentos do Programa e da publicação *Prazer em Ler*, dos resultados da avaliação do 1º ano do programa, acompanhado de reuniões com os coordenadores do programa, formadores e educadores – mediadores de leitura dos projetos, buscando identificar e esclarecer sobre o que avaliar e por quê avaliar.

Assim como uma *leitura que abre outra leitura*, o *Guia* também pode ser revisto ao longo do tempo, de forma orientada, com a contribuição de todos os responsáveis pela avaliação.

Nosso desafio continua: constituir uma unidade de procedimentos avaliativos, contemplando a diversidade de realidades sociais, práticas e sujeitos envolvidos em todo o país e diferentes organizações educativas. E também continuamos buscando articular critérios e métodos de avaliação interna – realizada pelos agentes em cada projeto de leitura – com a avaliação externa realizada pelos agentes do Programa Prazer em Ler. Para tanto reiteramos os quatro grandes objetivos da avaliação, a saber:



1. Aprendizagem dos agentes envolvidos

A observação contínua, a análise e a reflexão coletiva sobre dos acontecimentos dos Projetos de Leitura deverão trazer novas informações para as equipes dos projetos de leitura e gestores do Programa. Estas informações poderão confirmar a adequação de iniciativas já em curso ou provocar novas visões sobre o que pode ser feito para formar leitores e estimular o gosto pela leitura de crianças, jovens e adultos;

2. Aprimoramento dos Projetos e Programa

As decisões sobre o que fazer para melhorar o programa durante seu desenvolvimento, decisões sobre sua continuidade ou revisões, deverão ser apoiadas em avaliações dos processos e de seus resultados. Os processos são avaliados em períodos semestrais. Os resultados são analisados ao final de ciclos de 1 ano.

3. Conhecimento da relevância dos Projetos e Programa

A partir da análise dos resultados, pretendemos verificar a relevância do Projeto de leitura e do Programa para a mudança da realidade que se considera como problema no campo da leitura na localidade e em nosso país.

4. Disseminação dos resultados e referências de projetos de promoção de Leitura

Pretendemos também comunicar à sociedade em geral as experiências desenvolvidas, que possam ter força de exemplaridade no campo da leitura. Isto poderá ser feito por meio de eventos públicos, pela mídia, publicações e outros meios.

POR QUE FALAMOS EM ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO?

Embora tenham finalidades diferentes, mas que se complementam. O **acompanhamento é o monitoramento constante** do cotidiano do projeto (e do programa) buscando verificar se as ações estão sendo realizadas dentro do que foi planejado e se os recursos estão sendo disponibilizados de acordo com as necessidades. Com este *olhar atento* do monitoramento é possível tomar providências imediatas para ir solucionando os problemas que, porventura surjam no cotidiano, de forma a assegurar a boa condução das atividades. O gerente ou coordenador do projeto é o principal agente do monitoramento; sendo seus principais instrumentos o cronograma de trabalho e a planilha de recursos.



Por outro lado, a **avaliação é uma prática de reflexão e julgamento sobre o que está sendo alcançado ou que se alcançou com as ações** do projeto e do programa e quais os benefícios sociais que estão sendo produzidos. Para realizá-las, são utilizados dados fornecidos pelo acompanhamento do Projeto. A partir de dados, confiáveis e sistematizados, é possível identificar fatores que possam estar favorecendo ou colocando obstáculos para produzir os benefícios almejados. E, com base no conhecimento destes fatores tomam decisões. Diferentemente do acompanhamento, os processos de avaliação devem **envolver todos os que participam do projeto e programa**: beneficiários, equipes técnicas, formuladores, gestores e investidores. A participação de todos estes atores também deve ser planejada e orientada.

Mas, há ainda outro ponto a ser destacado: para que as experiências desenvolvidas pelo Programa no campo da leitura ganhem força de eficácia e exemplaridade, precisamos ter muita clareza da concepção de linguagem que norteia nossas práticas. Neste documento, vamos procurar esclarecê-la, fornecendo então parâmetros para que os processos de avaliação possam ser realizados com mais segurança.

É também a partir dessa concepção que podemos pensar nos cinco grandes aspectos que devem sempre ser levados em conta quando elaboramos um Projeto de Promoção de Leitura, e que se tornaram, justamente, os indicadores de qualidade de Projetos de Leitura do Programa Prazer em Ler. São eles: **público, espaço, acervo, mediação e gestão do projeto** de leitura.

Neste documento, vamos não só explorar o sentido de cada um deles, como também oferecer descritores que, certamente, ajudarão o educador mediador e outros agentes envolvidos no projeto a avaliarem se, de fato, a prática proposta contribui para a mudança da realidade no que se refere aos problemas de leitura de nosso país.

Dito isso é legítimo perguntar: como levantar os dados do dia a dia dos projetos para alimentar estes indicadores? São os chamados *meios de verificação*. Propomos então organizar uma *caixa de ferramentas* para acompanhar e avaliar os projetos de leitura contendo: conceitos de referência, indicadores com seus descritores e os meios de verificação. Estes meios são os formulários de registros, planos de ação anual, fichas e relatórios institucionais. Estas ferramentas, além de úteis devem ser suficientes e muito práticas para o que queremos verificar do dia a dia dos projetos.

Iniciemos, então, compartilhando os conceitos que iluminam ou poderão iluminar o longo caminho de nossas práticas sociais de leitura.



II. MARCO CONCEITUAL E REFERENCIAL DE AVALIAÇÃO DOS PROJETOS DE LEITURA

II.1. A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

Todos nós sabemos que o desenvolvimento de capacidades leitoras e escritoras é condição fundante para o exercício da cidadania. Porém, é imprescindível saber quais são os princípios teórico-práticos que sustentam a idéia de capacidade leitora¹, que, obviamente, vai além de decodificar letras e palavras, localizar informações e reproduzi-las em respostas de questionários.

Vamos aqui trabalhar com a idéia de que a linguagem é produto de relações sociais. Trata-se de uma forma privilegiada de interação humana, que possibilita a mediação entre os sujeitos e o meio social e histórico, aí incluídos os bens culturais.

Como conseqüência, temos que não há linguagem fora de situações concretas de comunicação, assim como não há atividade humana que não seja permeada pela linguagem. Isso significa dizer que, quando falamos e/ou escrevemos, sempre nos dirigimos a um determinado interlocutor ou grupo de interlocutores, a um determinado público, com uma determinada intenção. Essa idéia, profundamente trabalhada por Bakhtin (1952/53)², levou à elaboração de vários conceitos, sendo que vamos aqui destacar o de gêneros discursivos, antes trabalhado somente com textos literários e que foi ampliado para os mais diversos discursos, inclusive aqueles que circulam em nosso dia a dia (esfera cotidiana).

Diz o autor que a utilização da língua ocorre em forma de enunciados, tanto orais como escritos, que são concretos, únicos e emanam dos integrantes das mais diversas esferas de atividade humana. Falamos uma determinada língua, com suas regras relativamente estáveis; porém, de acordo com nossas intenções de momento, organizamos esse vasto conhecimento de maneiras distintas. Assim, se queremos apenas informar nosso interlocutor sobre certo assunto, por exemplo, vamos utilizar determinados recursos lingüísticos e discursivos. Mas se queremos convencê-lo de algo, vamos organizar nossos conhecimentos da língua para esse fim; e para tanto teremos de usar/acionar outros recursos, testando e aperfeiçoando nossas habilidades retóricas, nossa capacidade de encadear argumentos logicamente.

¹ Basicamente, capacidade leitora envolve um conjunto de habilidades, tais como: perceptuais, práticas, cognitivas (que envolvem raciocínio lógico e compreensão leitora), afetivas, sociais, discursivas, lingüísticas (Rojo, 2004), como vamos esclarecer neste texto.

² Mikhail Bakhtin, in *Estética da Criação Verbal* (Martins Fontes, 1997). Filósofo da linguagem de origem russa, Bakhtin desenvolveu sua teoria enunciativo-discursiva de caráter sócio-histórico e criticou conceitualizações que pouco consideravam a importância do *outro, do contexto social, histórico e cultural* na constituição da linguagem, e que se restringiam à apreensão estritamente individual dos recursos necessários para o estabelecimento de situações dialógicas.



Mas como aprendemos a usar esses recursos, a selecioná-los adequadamente?

Aqui entra um outro aspecto bastante enfatizado pelo autor: esse aprendizado, além de ser extremamente dinâmico, sempre ocorre nas interações sociais, sendo co-construído por todos os falantes de uma dada língua. Assim, vamos encontrando em cada esfera ³ de utilização dessa língua tipos relativamente estáveis de formas de expressão, ou seja, de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. Trata-se de algo produzido socialmente, na coletividade.

Há, portanto, para Bakhtin, uma infinidade de gêneros discursivos na medida em que infinitas são as atividades humanas. Estamos falando de simples diálogos cotidianos, de textos jornalísticos, de documentos oficiais e até das mais variadas exposições científicas, sem esquecer, é claro, da esfera literária.

É o gênero discursivo - ou seja, o conjunto de enunciados mais ou menos estáveis relativos a uma esfera de atividade - que nos permite saber, por exemplo, se estamos diante de um trecho de romance ou de um artigo de opinião que circula em um jornal; se se trata de uma fábula ou de um conto de fadas; se a carta que lemos é dirigida a uma autoridade ou a um amigo íntimo. E isso logo nas primeiras palavras: Excelentíssimo senhor presidente..., venho por meio desta solicitar... ou Querido Paulo! Que saudades de nossas conversas...

É também esse conhecimento dos gêneros que circulam socialmente que nos leva a utilizá-los de modo eficiente – aprendemos a compreender o que os outros dizem e também a produzir nossos enunciados, orais ou escritos, tendo como referência as características desses gêneros. Por isso é que não cometemos o equívoco de dizer: Querido presidente, quando queremos nos dirigir a uma figura de autoridade, a fim de fazer uma solicitação formal...

Em síntese: aprender a falar, a ler e escrever não é adquirir um sistema de normas lingüísticas invariáveis, mas sim aprender a estruturar enunciados (orais ou escritos) nas mais diversas situações sociais de comunicação, o que exige de nós capacidades diversas de interpretação e/ou produção discursiva. Ou seja, mais do que exercícios de gramática, para nos tornarmos bons leitores e escritores, o que necessitamos é mergulhar no fluxo da linguagem!

Isso nos traz todo um campo de possibilidades a serem exploradas no que se refere ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da linguagem. Vamos assim tendo a consciência de que somos leitores diferentes diante de portadores de textos diferentes.

Todos nós já vivemos a experiência de ler um romance, ou uma novela, ou um livro de contos – geralmente procuramos um lugar bem confortável, torcemos para que ninguém nos

³ Esfera está aqui sendo utilizada com o sentido de: *campo, setor ou ramo dentro do qual se exerce uma atividade.*



incomode, pois queremos entrar no cotidiano das personagens, visitar os cenários, viajar no tempo e no espaço, suspender a realidade e mergulhar na vida imaginativa... Já quando temos de ler um trabalho científico para no dia seguinte realizar uma prova sobre seu conteúdo, o melhor é sentar em uma cadeira mais dura, com uma caneta marca-texto em mãos e uma xícara de café ao lado, para manter nossa mente bem desperta, pois necessitaremos acionar nossa capacidade de compreender idéias, seguir a lógica utilizada pelo autor do texto para apresentar seu raciocínio. Leituras diferentes pedem procedimentos ou rituais bem diferentes...

Ou seja, em nós habitam muitos leitores, sempre ávidos por ir adiante, ... e também escritores, produtores de textos, sempre atentos e dispostos a observar e incorporar as peculiaridades dos gêneros discursivos sobre os quais nos atemos, para usá-los com propriedade de acordo com cada situação dialógica.

Posicionamo-nos como leitores diversos diante dos diversos materiais de leitura. Em nosso cotidiano, lemos jornais, outdoors, acessamos notícias pela internet, procuramos textos informativos, deleitamo-nos com narrativas, contos de fada, romances... E é na interação com essa diversidade, com essa riqueza de formas de dizer que vamos nos constituindo como leitores e buscando referências e modelos para também nos constituirmos como escritores.

Mas há também outro aspecto fundamental que a teoria de Bakhtin nos permite deslumbrar: para cada texto que lemos, para cada palavra que ouvimos, devem necessariamente corresponder nossa interpretação, nossas próprias palavras – podemos registrá-las ou não no papel, arquivá-las ou não no computador ou em um caderno de notas, podemos nos entregar a um livre pensar e só pensar, ou podemos transpirar, ou contar com a inspiração, até dar forma às nossas reflexões, desvendando maneiras de compartilhá-las com nossos interlocutores.

Portanto, sempre elaboramos nossa réplica! Sempre dialogamos com todo e qualquer material escrito a partir de nossas referências de mundo, de nosso ponto de vista, de nosso lugar social, num incansável e fértil debate. Resenhas de romances, comentários críticos sobre o novo livro de contos de um autor de nossa preferência, indicação de volume de crônicas para um amigo – nada mais são do que a expressão de nossas necessidade de compartilhar impressões, a maneira como compreendemos e interpretamos as palavras alheias

Ainda nessa perspectiva, outro ponto que merece destaque é: sempre que lemos um determinado texto a ele contrapomos uma leitura anterior, promovendo uma verdadeira interlocução entre os autores, também eles localizados em diferentes lugares sociais, em diferentes esferas de atividade humana, com suas intenções - informar, convencer, narrar..., dirigidas a



diferentes interlocutores: crianças, adolescentes, determinado grupo profissional, leitores de diferentes classes sociais, etc....

Esses autores são então movidos por diferentes *condições de produção* – outro conceito desenvolvido por Bakhtin e que nos ajuda sobremaneira a compreender todas as facetas envolvidas em uma produção discursiva.

Por exemplo, produzir um artigo para um jornal popular é muito diferente de publicar em um jornal do tipo Folha de São Paulo. Os leitores são outros, bem como a forma de atraí-los para lerem as notícias, os objetivos e interesses das empresas são diversos, e tudo isso determina a forma do texto, as palavras que poderão ou não ser utilizadas, os posicionamentos assumidos. Basta pensarmos em qual desses dois tipos de jornais encontraríamos uma manchete como esta: Americano mata a facadas colega que reclamou do seu chulé...

Daí que em qualquer construção discursiva não existe neutralidade e nem imparcialidade. A linguagem sempre vem carregada dos pontos de vista, da ideologia, das crenças de quem produz o texto.

Ler implica, então, não só em compreender o texto em si, mas também em desvendar todas essas variantes, que exigem de nós capacidades leitoras bem diversas:

"Ser letrado e ler na vida e na cidadania é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida, e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura são muito variadas e dependentes de contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e outras não" (Rojo, 2004, p.2).

Essas capacidades vão desde as mais corriqueiras, como decodificar, localizar informações, até as mais elaboradas, como:

Inferir;

Levantar hipóteses sobre conteúdo e forma do texto a partir de conhecimentos prévios, justamente dos mais variados gêneros discursivos;

Comparar informações de textos diversos, além de discernir, em um mesmo texto, as que são centrais e as que são acessórias para a apreensão do todo;

Apreciar o texto contemplando as condições de produção;

Perceber relações de intertextualidade e interdiscursividade (como ocorre nas paródias⁵, por exemplo);

Apreciar o texto em termos estéticos - gostar ou não - e também éticos e políticos - concordar ou não, parcial ou completamente, criticar posicionamentos e ideologias, numa palavra: elaborar réplicas.

⁴ Conceito desenvolvido por Roxane Rojo, no texto: Letramento e Capacidades de Leitura para a Cidadania, apresentado em Congresso realizado em maio de 2004 - São Paulo, SEE, CEMP, 2004.

⁵ Ver nota 9 – breve definição do gênero discursivo paródia.



Enfim: é preciso ler as linhas, e também as entrelinhas...

Mas, para isso, o trabalho com a linguagem deve ser dinâmico e constantemente atualizado, sempre tendo em mente que o sujeito é capaz de se apropriar ativamente desse conhecimento, desde que este lhe seja apresentado de forma viva, colocando-o como co-construtor de seu processo de aprendizado.

E, nos espaços de leitura, a figura central nessa prática é o educador mediador, como será enfatizado em todo este documento.

Portanto, toda e qualquer prática educativa voltada para o desenvolvimento da leitura, e também da escrita, necessita contar com um educador mediador. Ele deverá sempre partir do que o sujeito já sabe, para então realizar as mediações necessárias, reorganizando o conhecimento com novos subsídios que possam levar a uma transformação e ampliação efetiva de tudo que envolve o ler e escrever.

Mas como chegar a uma maior apropriação da linguagem nos espaços de leitura, de modo a possibilitar, justamente, o desenvolvimento de capacidades leitoras por parte dos usuários?

Uma prática avaliativa, compartilhada pelos diferentes agentes envolvidos no Projeto, visa observar e verificar, então, se esse objetivo primordial está, de fato, sendo atingido, e quais as estratégias utilizadas para tanto.

Características do gênero discursivo: *Guia para acompanhamento e avaliação do Programa Prazer em Ler.*

Vamos então aplicar o que vimos até o momento no presente documento. Nosso objetivo é mostrar o quanto ter claro as características do gênero discursivo que vamos utilizar favorece a produção textual, e determina a forma como iremos desenvolvê-la: o conteúdo abordado (tema), bem como a forma como é organizado (palavras e construções frasais) e o estilo adotado (mais formal ou mais despojado, etc.). É preciso sempre ter em mente o objetivo primordial, que aqui é: um guia para acompanhamento e avaliação do Programa Prazer em Ler.

Importante destacar também que, embora nem sempre tenhamos consciência de todas essas variáveis no momento em que produzimos um texto, elas sempre estão presentes! Sendo assim, um bom escritor é aquele que mostra domínio das diversas características de cada gênero. E um bom leitor é justamente aquele que consegue desvendá-las, num processo de desconstrução daquilo que lê, pois só assim poderá exercer sua capacidade crítica – *tornar-se letrado na vida e na cidadania!*



Para começar, é preciso sempre ter em mente o objetivo primordial de uma produção discursiva, que aqui é: um *guia para acompanhamento e avaliação* do Programa Prazer em Ler.

Para início de conversa, é preciso definir qual a característica desse gênero discursivo denominado guia, e que circula em diversas esferas de atividade, por exemplo: temos o famoso Guia 4 Rodas, Guias de Restaurantes, guias que ensinam como utilizar os mais variados produtos, e inúmeros outros.

Trata-se de um discurso instrucional, da ordem do orientar! E, como tal, traz tipos relativamente estáveis de enunciados, como podemos observar nestes trechos:

Guia 4 Rodas, sobre a Cidade de Salvador: "Perfeito para jovens e casais. Melhor época é de setembro a junho. LEVE chapéu, tênis, protetor solar. TRAGA berimbaus, balangandãs e charutos".

Observem como o tempo verbal imperativo é utilizado nesse tipo de gênero discursivo, justamente com a função de instruir, informar, passando a idéia para o leitor de que o autor do texto já visitou o lugar e tem, portanto, condições para orientá-lo.

Também encontramos em guias o recurso de detalhar descrições, que dirigem a escolha do leitor, como encontramos em guias de restaurantes.

Guia da Folha: "Fundado em 1938, o restaurante tem ambiente familiar e movimento animado madrugada adentro. O cardápio quilométrico é típico das cantinas, com destaque para o espaguete com vôngole (para duas pessoas)." Ou seja, a "galera" que quiser "agito", vai descartar esse restaurante...Certamente, vai preferir este: Com luz baixa e apenas alguns pufes e poltronas, tem uma pista em frente ao balcão onde ficam os DJs. A programação musical inclui rock, , house, electrohouse e jazz".

Temos, então, algumas palavras, tempos verbais, maneiras de compor o texto que sempre estarão presentes nesse gênero discursivo. Porém, ele também ganhará características particulares dependendo da esfera de atividade em que circula. No nosso caso, o guia vai circular em um Programa de desenvolvimento de leitores, promovido por uma instituição privada, um instituto.

Outro aspecto importante, sobre o qual é necessário pensar para realizar uma produção adequada, que cumpra com seus objetivos, é definir claramente quem serão nossos leitores/interlocutores majoritários. No Guia 4 Rodas, os turistas; no guia de restaurantes, como vimos, diferentes faixas etárias, casais, grupos de jovens e sua "tribos"; aqui: os agentes do Projeto, em especial, o educador mediador.



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Práxis em Ler

Também o objetivo, ou intenção do texto deve estar bem clara para seus autores, que no presente guia é, primordialmente: orientar os agentes do projeto sobre como avaliar ações que favorecem o alcance de seus objetivos e quais as dificuldades enfrentadas no andamento do trabalho, de forma que possam pensar e propor soluções.

Por fim, as condições de produção também necessitam ser conhecidas de todos, pois assim vamos tendo a dimensão do processo de montagem de um texto. De fato, não chegamos a um bom produto final em um "passe de mágica". São necessárias muitas idas e vindas, até que possamos organizar o conteúdo, escolher a melhor composição de palavras para efetivar o diálogo com nossos leitores.

Para produzirmos este guia, iniciamos então conhecendo os propósitos e conteúdos do Programa, conversamos com seus idealizadores para construir os primeiros indicadores. Após uma experiência de um ano com esses primeiros indicadores, foi realizada uma revisão, contando com a participação dos agentes do Projeto.

Não se trata, no entanto, de um documento acabado! Como qualquer texto, está sujeito a novas reformulações, réplicas, críticas e sugestões de seus leitores, sempre em busca de negociações e aperfeiçoamentos que possam torná-lo um instrumento cada vez mais eficaz naquilo a que se propôs. Afinal, um enunciado só se completa com a resposta dos interlocutores!

Vejamos o quadro síntese:

GUIA PARA ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROGRAMA PRAZEM EM LER

Gênero do discurso *da ordem do orientar, instrucional.*

Esfera de atividade em que circula: *Programa de desenvolvimento de leitores, promovido por instituição privada, que estabelece parcerias com organizações não governamentais, organizações governamentais e escolas para sua realização.*

Leitor/interlocutor majoritário: *agentes de Projetos de Leitura do Programa Práxis em Ler, em especial, o educador mediador de leitura.*

Intenção/objetivo: *orientar os agentes do projeto sobre: a) os parâmetros de qualidade utilizados para avaliar projetos de leitura; b) avaliar as condições e ações que favorecem o alcance dos objetivos dos projetos; e c) identificar dificuldades e desvios no andamento do trabalho, de forma que possam pensar e propor correções e soluções.*

Condições de produção: *conhecendo os propósitos e conteúdos do Programa, construímos em conjunto com seus idealizadores, o primeiro conjunto de indicadores a serem aplicados em uma experiência inicial de um ano. Após a experiência, foi realizada uma revisão, contando com a participação dos educadores mediadores de leitura responsáveis pelos projetos de leitura nas instituições parceiras.*



II.2. O QUE SÃO INDICADORES?

Os indicadores, como o próprio nome revela, **indicam** algo importante que está acontecendo em uma determinada situação ou realidade. São, portanto, sinais que construímos e utilizamos para avaliar se algo está adequado, se é bom ou não é, comparado com parâmetros de qualidade estabelecidos. Isto é de acordo com o que se julga ser adequado e bom. Além disso, os sinais podem revelar também a **medida** ou o **grau** do que está acontecendo para que possamos confirmar, corrigir ou melhorar a situação que estamos avaliando. Mas, a **medida** ou **grau** não indica só a **quantidade**, indica também a **qualidade**.

Por exemplo: o peso de uma pessoa é um indicador de saúde. E um bom parâmetro de saúde para uma criança de 10 anos é pesar entre 24 e 36 quilos⁶. Então, se essa criança estiver pesando 18 kg, é preciso tomar uma providência rápida, porque certamente estamos diante de um caso de desnutrição; ou seja, de qualidade de saúde ruim.

Assim podemos proceder também em relação aos projetos de leitura. Se considerarmos um bom parâmetro ter livros de contos de fadas para as crianças folhearem, verem e ouvirem a professora ou mediador ler para elas, mas numa sala com 20 crianças, encontrarmos 15 livros e de 2 títulos para classes com 20 crianças, atenção: a quantidade de livros pode ser suficiente, mas a variedade, com certeza, não é. Isso pode empobrecer o acesso da criança à literatura. Logo a qualidade do acervo não atende o parâmetro almejado pelo Programa.

Outra questão também muito importante sobre os indicadores é que eles devem **indicar o que varia** em uma realidade observada. Por exemplo: no início de um determinado Projeto, não havia estantes para colocar os livros de forma que os usuários pudessem ver e escolher o que gostariam de ler. Depois de 3 meses, houve uma mudança: a biblioteca tem estantes abertas e em quantidade suficiente para expor todos os livros do acervo de forma bem visível e atrativa para os frequentadores. Esta variação, portanto, indicou melhoria.

Mas atenção: é muito comum confundir **indicador** com **ação**. Por exemplo: reuniões com leitores para programar as atividades de leitura de acordo com o seu interesse. Realizar reuniões é algo muito bom para um espaço democrático de leitura. Dito assim, não se trata de um indicador, e sim de uma atividade. O indicador poderia ser **participação dos leitores na programação do projeto de leitura**, o que é um bom indicador de gestão democrática do espaço de leitura.

⁶ Fonte: LINCX Serviços de Saúde. www.lincx.com.br/lincx/saude_a_z/sauderianca/crescimento_desenvolvimento



Porém outro aspecto a ser destacado é que, nesse indicador, não é adequado responder só *sim* ou *não*, pois podem ocorrer diferentes graus de participação que necessitam ser detalhados: desde a completa ausência até uma boa frequência das pessoas que são ativas e manifestam o que é de seu interesse.

E quais são os indicadores do Programa Prazer em Ler? Foram sistematizadas 5 categorias formadas por 5 conjuntos de indicadores. São eles:

1. *Público do projeto;*
2. *Espaço de leitura;*
3. *Acervo;*
4. *Mediação de leitura;*
5. *Gestão do espaço de leitura.*

II.3. OS INDICADORES DO PROGRAMA PRAZER EM LER

(1) PÚBLICO DO PROJETO

Se espaço, acervo e mediação são considerados componentes de um projeto de leitura, perguntamos: para quem esses recursos são intencionalmente organizados e planejados, tendo como intuito promover a formação leitora? Em outras palavras, para quais públicos estes espaços e projetos foram criados?

Certamente, quando projetos de leitura são estruturados em determinadas organizações, já se sabe quais as pessoas com quem se pretende trabalhar. É legítimo, então, que as ações de um Projeto sejam dirigidas para o mesmo público-alvo da organização que o promove – público interno: crianças da creche, participantes de um centro comunitário, de uma organização educativa para jovens, de um movimento cultural, de uma escola, etc.

Porém, reconhecendo a variedade desses espaços onde se pode trabalhar com leitura, o Programa Prazer em Ler propõe estimular e criar as condições favoráveis para a democratizá-los. Quer dizer, quando os projetos de leitura funcionam dentro de organizações educativas, podem incluir atividades em sua programação, que atendam também a *públicos externos*: familiares, grupos do entorno, etc. Ou seja: sendo comunitários, os espaços devem organizar programações que envolvam a maior diversidade possível de moradores da comunidade.



É claro que características pessoais, sociais e culturais tais como: ser criança, alfabetizada ou não, jovem mais novo ou mais velho, estudante com bom desempenho escolar ou em atraso em relação à sua faixa etária, vinculado ou distante de movimentos culturais da sua comunidade entre outras, vão interferir no jeito como buscam, utilizam e desfrutam de leituras, as mais diversas leituras são buscadas, utilizadas e desfrutadas. Mas está aí, justamente, riqueza de situações a serem exploradas.

Em síntese, o **indicador público do projeto** visa identificar e aferir quais são os públicos que o projeto está alcançando ao longo de sua história de seu desenvolvimento.

(2) ESPAÇO DE LEITURA

Para o Programa Prazer em Ler, os espaços de leitura podem ser *salas de leitura*, *bibliotecas* e *espaços móveis* (ônibus, barcos entre outros). Porém, como classificar o *espaço de leitura* da organização como biblioteca ou sala de leitura?

A história da biblioteca acompanha a própria história da humanidade. É lá que se guarda o conhecimento produzido pelo homem ao longo dos séculos. Milanesi⁷ afirma *que a ciência é cumulativa e a biblioteca tem a função de preservar a memória, como se ela fosse o cérebro da humanidade, organizando a informação para que todo ser humano possa usufruí-la.*

Podemos afirmar, então, que tanto a biblioteca quanto uma sala de leitura possuem uma mesma função central: são espaços onde a informação é guardada e disponibilizada ao público. Logo, não é possível dissociá-las. O que se observa nestes espaços são peculiaridades e características que se diferem quanto à ambientação de acordo com sua função: leitura como fonte de pesquisa e conhecimento individual – as bibliotecas ou leitura como fonte de conhecimento, entretenimento, diálogo e convívio – as salas de leitura. Hoje se busca integrar *salas de leitura* ao ambiente das bibliotecas.

⁷ MILANESI, Luís. *O que é biblioteca?* P. 15

Diz o autor: os primeiros registros da utilização do termo biblioteca surgiram com reis assírios, sumérios e babilônios (VII A.C), que registravam o seus conhecimento em placas de argilas, gravadas em inscrições cuneiformes (as primeiras formas de escrita). Esse conjunto de placas denominava-se *biblioteca*.



Considerado como componente imprescindível do Programa Prazer em ler, o *espaço* de leitura não pode ser neutro; ao contrário, é importante que ele seja organizado com o intuito de atrair o leitor e viabilizar o acesso e uso do acervo ⁸.

Então, qual seria o espaço ideal para esse mergulho nas palavras? Em uma biblioteca, cujo sentido primeiro era *caixa de livros*? Ou em uma sala de leitura? *Sala* – cômodo de uma casa, remetendo à idéia de hospitalidade?

Talvez necessitemos de ambos: do silêncio de uma biblioteca, que nos leva a um diálogo interior, com todas as *vozes que nos compõem*, e da intensa troca de impressões possível de ocorrer quando uma dada leitura circula em um espaço coletivo, de convivência. Em ambos, porém, precisamos da presença de um outro que possa nos ajudar a encontrar as palavras de que necessitamos em um dado momento.

Para tanto, a organização do ambiente deve contar com:

- a) lugares e mobiliário apropriados para guardar e expor livros e os outros suportes de texto,
- b) uma boa **visualização e comunicação com o ambiente externo onde está inserido**,
- c) facilitação do acesso aos objetos de leitura**, para que possam aguçar a vontade e a curiosidade de mexer, buscar, localizar, pesquisar e satisfazer o desejo dos usuários,
- d) presença de diferentes **mídias que favoreçam a interação entre diferentes linguagens**: TV, computador com internet, aparelhos de som e DVD,
- e) presença de **educadores mediadores de leitura** durante seu funcionamento para apoiar os leitores em suas buscas e pesquisas e desenvolver atividades planejadas de leitura com os mesmos, e
- f) uma programação de atividades de leitura conhecida pelo público.

Mas além dessa dimensão física, é importante refletirmos também sobre a dimensão simbólica de um espaço de leitura, e que diz respeito, justamente, ao lado humano, que vai *dar vida* ao espaço físico.

Espaço traz em si uma idéia paradoxal: ao mesmo tempo em que pode nos remeter a lugar extenso, infinito, como espaço cósmico, *olhos perdidos no espaço*, também nos leva a pensar em limites, muros que separam um lugar de outro, algo que está *entre* uma coisa e outra coisa, como espaço arquitetônico, *só há espaço na casa para cinco pessoas...*

⁸ *Prazer em Ler*, v. 2, p. 44.



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Práxis em Ler

Mas são os limites que possibilitam, justamente, que esse algo aconteça – dentro de quatro paredes, e com portas! Ou entre as capas de um livro. Precisamos de um espaço para a leitura – tanto de um lugar como de um tempo, *espaço de tempo* – tempo de descanso, quando nos permitimos certa suspensão da realidade, mas sem perdê-la de vista. Tempo e lugar para intensas experimentações, para o viver imaginativo, para o diálogo com os enunciados alheios.

O educador mediador, nesse sentido, é um orientador de nossas buscas; reserva dentro de si um espaço-tempo não só para vasculhar as prateleiras, de modo a ampliar as possibilidades de exploração de um determinado tema que nos é caro, como para propor maneiras de irmos adiante e de compartilharmos nossas leituras com nossos *colegas* – que, no sentido primordial, quer dizer *aquele que lê junto*, pois *leg* é também raiz da palavra ler, que vem de *legere*⁹.

Por sinal, *legere* significava inicialmente: “ato de escolher grãos de um cereal”, sendo, por aproximações metafóricas, transformada em: escolher letras e palavras; ou seja, *ler*.

⁹ Todas as referências à etimologia das palavras citadas neste documento foram retiradas do livro: *Por trás das palavras – Manual de etimologia do Português*, de Mário Eduardo Viaro (Editora Globo, 2003).



Indicador (2): ESPAÇO DE LEITURA

Descritores:

1. A disposição do espaço permite livre acesso do usuário aos livros?

Observe se a sala de leitura e/ou biblioteca favorece a locomoção do usuário de modo que seja possível transitar entre as prateleiras, fazer suas escolhas e acomodar-se para a leitura. Também observe se o espaço permite que mais de um usuário tenha acesso aos diversos portadores de texto ao mesmo tempo, pois a natureza do trabalho requer atividades em grupo, além das individuais.

2. Há mobiliário adequado e suficiente para leitura individual e de grupos?

Além de mesas com cadeiras em volta, é recomendável que o espaço de leitura tenha poltronas, pufes ou outros tipos de assento, dispostos de modo a transmitir e favorecer a hospitalidade e o conforto do usuário. Um ponto importante: se muitos deles forem crianças, é bom adequar mesas e cadeiras para este público. Cuide também da estética do espaço. Tapetes são bem-vindos, assim como peças decorativas que portem sinais da identidade cultural da comunidade leitora, além de quadros que possam, em algum momento, servir para alguma atividade de leitura, produção de significados, ou mesmo produção de texto. É fundamental transmitir a idéia de que se trata de um espaço de circulação da cultura, em suas diversas representações. Como se trata de um espaço comunitário, vale convidar os usuários para também ajudarem nessa tarefa.

3. Os livros e outros portadores de texto apresentam-se organizados e com boa visibilidade?

Para cada portador, uma organização diferente: livros cabem bem em prateleiras, mas revistas e jornais devem ser alocados de modo a ter suas capas bem visíveis: varais, cestos grandes, mesinhas baixas são bem-vindos. Também no caso dos livros, vale selecionar algum ou alguns que, em um dado momento, de acordo com o planejamento do mediador, fiquem mais em evidência para a realização de alguma atividade.

4. Há organização de cantos temáticos interessantes ao público leitor?

Cantos temáticos são pequenos espaços dentro do espaço de leitura, que podem ser organizados pelo educador mediador para explorar determinados conteúdos (temas), como forma de despertar interesse e dinamizar o trabalho, atendendo a um determinado grupo de usuários, enquanto os outros circulam entre as prateleiras. Além dos cantos temáticos mais tradicionais, organize também cantos que explorem as características de um determinado gênero discursivo. Por exemplo: características das fábulas, dos contos de fadas, das paródias. Não esqueça, também, de retomar o contexto de produção de cada um desses gêneros, remontando às origens, ao que significavam na época em que foram criados, como e por que ainda são lidos na atualidade, quais as intenções dos autores, quais esferas de circulação em que circulam e como isso é determinante na composição textual.

5. Há boas condições de iluminação, limpeza, conforto e sem ruído?

Estes 4 itens são condições básicas para implantar e fazer funcionar o espaço, sendo de responsabilidade da instituição parceira do Programa. Porém, cuidar do espaço é de responsabilidade de todos. Promova conversas sobre esse cuidado com os usuários, levando-os a se comprometerem com a conservação e negociando regras e limites. Quanto à iluminação, confira se não há partes do acervo de livros pouco iluminadas, dificultando a busca do usuário.

6. Existem informativos: murais, cartazes, e outros?

Além de informar os diferentes públicos sobre a programação do espaço de leitura, os murais e cartazes são excelentes recursos para promover a troca entre os usuários. Podem ser explorados para o “vai e vem” de informações e mensagens. Sugira leituras comuns entre grupos que frequentam o espaço em horários diferentes e incentive-os a registrar impressões, a dirigir perguntas uns aos outros, problematizando temas, selecionando conteúdos que possam levar a novas leituras e pesquisas, sempre variando os gêneros de discurso. Trata-se de um trabalho que enfoca a intertextualidade – ou seja, ler um texto significa, necessariamente, relacioná-lo a outros textos -, desenvolvendo a capacidade leitora de percepção da maneira como o mesmo conteúdo pode ser abordado de diversas formas. Também podem figurar nos murais resenhas de livros: “O livro que mexeu com minha cabeça”, indicações de leituras, propostas de idéias a serem debatidas. Não esqueça: um enunciado (fala, texto) só se completa com a resposta/réplica de um outro!



Há computadores para uso do leitor?

Computadores são fundamentais para facilitar a busca de títulos que compõem o acervo, tanto por parte do usuário como do mediador. Porém, além disso é possível acessar inúmeras informações no mundo digital, realizar pesquisas, conhecer as características dos vários gêneros discursivos que circulam nessa esfera de atividade. Estamos diante, pois, de mais uma possibilidade de ampliar domínios discursivos, comparando a linguagem dos mais diversos portadores de textos.

7. Há equipamentos de multimídia? *Um princípio fundamental que embasa o trabalho com desenvolvimento da leitura é, justamente, possibilitar que os vários meios de comunicação sejam contemplado. Videoteca, softwares interativos, recursos de áudio-visual devem, portanto, fazer parte do acervo! Mas sempre lembrando da importância de problematizar as condições/contexto de produção destes recursos e de promover a intertextualidade, de acordo com o planejamento das ações para o desenvolvimento da leitura. Ou seja: não basta equipar o espaço, é preciso utilizar esses instrumentos de forma significativa, contextualizada.*

8. Há presença de mediadores em todo o tempo de funcionamento?

O mediador de leitura é um agente central do trabalho de formação do leitor. Recomendamos organizar equipes de mediadores de leitura (podem ser constituídas por voluntários, agentes comunitários, leitores frequentadores do espaço e/ou professores) em que o educador mediador de leitura seja referência de orientação e coordenação do trabalho de formação do leitor. Mediadores de leitura devem estar sempre presentes, e de preferência, dedicar períodos para a continuidade no trabalho com os usuários e/ou grupos – é assim que vai sendo estabelecida uma relação de confiança, um vínculo com esse agente que é um representante de tudo que o espaço tem a oferecer.

9. Há programação de leitura no espaço?

Uma programação de leitura é o conjunto das atividades de leitura promovidas ou distribuídas em um determinado tempo (semanal, mensal ou semestral), orientadas por um objetivo e público definido (interno ou externo à organização que abriga o projeto). As atividades de leitura podem se constituir de exploração das características de um determinado gênero discursivo, como por exemplo: livros de literatura que explorem determinados temas pertinentes à vida juvenil, histórias orais, cordel, contos de fadas, fábulas, paródias, crônicas, tanto por meio de leitura como de produção textual por parte do grupo de usuários. Organizar uma programação é uma forma eficiente de atrair o público, desde que ele possa identificar suas buscas. É justamente o educador mediador de leitura que deve elaborá-la, intencionalmente, ou seja, tendo em mente as necessidades, expectativas e desejos dos usuários

10. Há comunicação desta programação ao público interno?

Não basta programar, é preciso comunicar, e de um modo convidativo! Além disso, é necessário acompanhar se a notícia sobre a programação de fato está chegando ao público. Uma boa estratégia é reservar um lugar no mural só para essa comunicação. Também é bem-vinda a participação dos usuários na elaboração desse material – é, inclusive, um bom momento para trabalhar as peculiaridades desse gênero discursivo: boletins informativos, cartazes e outros!

11. Há comunicação desta programação aos leitores da comunidade?

O espaço de leitura pode se tornar um bem público, democrático, à medida que a comunidade o reconheça como seu patrimônio cultural. Por isso é importante que, além dos usuários da organização educativa, os moradores da região possam se inteirar da programação – vamos assim tornando o espaço de leitura um lugar aberto, de convivência. Para tanto não deixe de verificar se existe no bairro, ou região, algum informativo de circulação regular, para que a programação seja divulgada também fora do espaço. Uma boa estratégia é fazer contato com líderes comunitários, líderes de outras organizações educativas e de promoção de leitura da região (quando houver), divulgar a programação e convidá-los a conhecer e participar do espaço.

13. O espaço permite a acessibilidade às pessoas com deficiência?

Segundo a lei: é necessário possibilitar acesso, circulação e utilização do espaço por pessoas portadoras de deficiência. Algumas precauções: degraus, soleiras e demais obstáculos dificultam a locomoção de deficientes em cadeira de rodas ou que fazem uso de aparelhos ortopédicos. Devem ser construídas rampas, observada a largura das portas (mínima de 90cm), dos corredores ou passagens (mínima de 120cm), além de se construir sanitários apropriados ao uso do deficiente. Além do acesso físico, é importante verificar também



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Prazer em Ler

se o acervo contempla a necessidade dos diferentes públicos portadores de deficiência. Caso não tenha nenhum usuário portador de deficiência no espaço de leitura, atenção: ele e/ou seus familiares podem não estar sabendo de sua existência nem que poderiam se beneficiar de sua programação.

14. A área do espaço de leitura está adequada para atender a quantidade de frequentadores do local?

Mapear a região em que o espaço está ou será instalado, reconhecendo o interesse da comunidade, para que se possa atender a demanda local adequadamente é imprescindível. Importante também rastrear se o número de frequentadores tende a aumentar e precaver-se, organizando o mobiliário e espaço adequadamente de acordo com a programação. O acompanhamento constante deste indicador pode oferecer dados sobre necessidades e possibilidades de desenvolvimento do projeto. Os usuários precisam circular com desenvoltura no espaço, localizando-se nas prateleiras e sendo dirigidos para determinadas livros e/ou portadores de textos, de acordo com o planejamento do educador mediador. Deve ser ainda verificado se é possível acomodar - sentados - grupos de leitura de acordo com a programação, acomodar – sentados - leitores individuais e ter lugar para multimídias e computadores, para a gestão do espaço e uso dos leitores.



(3) ACERVO

A partir do sentido mais básico da palavra acervo, *conjunto de bens que integram um patrimônio* – podemos desvendar o que significa criar um acervo de livros e de outros portadores de texto, como: jornais, revistas, gibis, mapas ... Estamos aqui no âmbito da memória coletiva, da necessidade de conservá-la, o que é feito primordialmente por meio da palavra escrita.

Mas vamos fazer uma breve viagem no tempo...¹⁰ Como seriam registrados esses bens antes do surgimento das letras, dos livros, dos jornais, das bibliotecas? E como as pessoas faziam para acessá-los?

Como todos sabemos, nos primórdios, os bens culturais eram transmitidos oralmente. Mitos e lendas sobre a criação do Universo, sobre catástrofes naturais, além de feitos heróicos – estes eram os assuntos, os temas que ajudavam não só a investigar o próprio passado, como a torná-lo acessível às gerações futuras, para que melhor compreendessem a realidade.

Não raramente sob a forma de poesia e canção, pois a melodia ajudaria a memória, essa transmissão oral possibilitava que a sabedoria e o conhecimento construído até então não se perdessem. Para tanto, algumas civilizações, como a dos incas, selecionavam os homens que seriam aptos para exercer essa tarefa, os quais precisavam mostrar habilidade retórica e na arte de narrar os acontecimentos em seqüência. Esses escolhidos eram então tratados com muita reverência, pois se constituíam em verdadeiros guardiões das tradições étnicas de seu povo. Tratava-se, pois, de um cargo de grande responsabilidade.

Interessante que esses exímios narradores não precisavam memorizar palavra por palavra – a arte consistia em não se afastar da essência da epopéia, mas nela imprimir novas nuances, uma marca pessoal, alguma expressividade própria. Talvez se origine já dessa época a expressão ainda tão usada: *Quem conta um conto...*

De alguma forma, essa função de transmitir bens culturais pela oralidade tem sido preservada – contadores de história, cantores populares... - mas obviamente perdeu muito de seu encanto com o advento da escrita.

Foi de fato um longo caminho desde o seu surgimento na Mesopotâmia (3500 a.C.), em tábuas de barro, nas quais inicialmente eram gravadas imagens (escrita pictográfica), passando

¹⁰ Esta viagem no tempo foi feita com base no livro: *A origem do livro – da Idade da Pedra ao advento da impressão topográfica no Ocidente*, de Úrsula E. Katzenstein (Editora Hucitec, em convênio com o Instituto Nacional do Livro – Fundação Nacional Pró-Memória, 1986).



pelos ideogramas (escrita ideográfica), e por símbolos que representavam sons (escrita fonética), até chegarmos à escrita alfabética (o primeiro alfabeto data de 1400 a. C.).

Mas, com o tempo, todas as civilizações foram transportando suas narrativas para a escrita – são exemplos: *Ilíada* e *Odisséia*, *Bíblia*, *Shi Ching* (coleção de canções chinesas)..., embora, inicialmente, houvesse uma grande desconfiança de que a palavra escrita pudesse ser tão legítima como a oral.

O filósofo grego Sócrates expressou essa desconfiança, advertindo que “escrever pensamentos em água e com tinta e pena significava semear palavras que não falam por si nem ensinam adequadamente a verdade aos outros...”.

Nesse longo caminho da oralidade à escrita, de fato, cada vez mais ficamos diante dessa questão trazida por Sócrates – a escrita ampliou sobremaneira não só o registro das epopéias, como a produção de saberes de todas as ordens; com isso, não podemos mais dizer que há uma verdade a ser transmitida ou legitimada nos livros, e sim inúmeras versões dos mesmos fatos, inúmeras interpretações que nos convocam a ler para além das palavras, desvendando interesses político-ideológicos, as condições de produção que levaram à materialização de um dado conhecimento ou de qualquer outro material escrito.

Então, o que significaria nos dias de hoje compor um acervo de livros e de outros portadores de textos?

Em primeiro lugar, tenhamos sempre em mente o fio da história, o sentido primordial das coisas: criar um acervo significa contribuir para a conservação e transmissão de bens culturais que pertencem à coletividade! Coletividade pensada como diferentes humanidades no curso da história e na geografia do planeta: humanidade global e humanidade local. Isto significa que pessoas e grupos da comunidade também são ou podem ser autores participantes do acervo, do seu espaço de leitura; ou seja, produtores de bens culturais que expressem e transmitam sua própria identidade. Para tanto, é necessário ter responsabilidade – e é o educador mediador quem deve instituí-la, quer seja em uma biblioteca, em uma sala de leitura ou em um espaço móvel.

Assim como os narradores escolhidos para transmitir tradições oralmente eram reverenciados, os livros e outras produções também devem ser tratados com todo o cuidado, dada a sua importância histórica, pela possibilidade que nos dão de acesso a bens culturais, conhecimento de nossa constituição, de nosso passado e produção de novos significados no nosso presente. E ainda lembrando esses primeiros guardiões das epopéias, verdadeiros cantores populares, a leitura não só nos leva a conhecer o que nos caracteriza como grupo humano, mas



também a dialogar com esses registros todos, imprimindo novas melodias, apreendendo e recriando nossa história.

Mas isso só é possível se esse acervo nos apresentar a vastidão de conhecimentos que a escrita vem nos proporcionando desde sua criação. Isso significa entrar em contato com a complexidade do mundo, em suas inúmeras representações.

Um bom acervo deve ter, então, um conjunto de obras que permita esse diálogo, esse confronto de posicionamentos, de modo que o leitor possa transitar entre discursos da ordem do narrar, do informar, do argumentar... ; discursos das ciências, das artes, da história, da filosofia, da lingüística...; além das imagens, que são igualmente legíveis, produtoras de significados, levam à interpretação, transmissão e produção de conhecimento – quadros, filmes, etc.

Em síntese: criar um acervo significa facilitar o diálogo com o passado, para, a partir dele, pensar o que virá, desvendar possibilidades de transformação. É transmitir a idéia de que é fundamental conservar a memória, responsabilizando-se e cuidando de nossos bens culturais.

Sugerimos uma lista de itens do que se pode chamar de acervo com boa **diversidade**¹¹ (**ver anexo 4**). Não é imprescindível que um espaço de leitura tenha todos os itens de uma só vez, mas ele pode ir se constituindo ao longo de seu funcionamento. A lista pode ser entendida como um orientador, uma direção ou um quadro de consultas para onde deve ser ampliado o acervo.

¹¹ A lista foi construída tendo como referência PIERUCCINI, Ivete. *A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca da informação em educação*. São Paulo: USP, tese de doutoramento, 2004.



Indicador 3: ACERVO

Descritores:

1. Há quantidade adequada de livros e outros portadores de texto ao público atendido?

A quantidade ideal de livros depende do número de leitores que freqüenta o espaço. O Programa Prazer em Ler propõe como patamar mínimo a aquisição de 1000 títulos por espaço (400 no primeiro ano, 300 no segundo ano e 300 no terceiro ano). Dois aspectos devem ser observados: 1) do conjunto mínimo estabelecido de acordo com o público local, é importante dispor de um número maior dos livros mais procurados para empréstimos, de forma que o tempo da “fila de espera” para determinadas obras não desestimule o leitor e 2) dispor da quantidade de livros de um mesmo título de acordo com a quantidade de participantes de rodas ou círculos de leitura. Um acervo deve ser constantemente ampliado! Ainda que quantidade não signifique, necessariamente, qualidade, quando se trata de um projeto voltado para o desenvolvimento da leitura, mais é melhor do que menos... Desde que se tenha clareza dos critérios utilizados para compor o acervo...

2. Há diversidade no acervo: literatura, jornais, revistas, biografias, gibis, mapas, dicionário, memória local, áudio visual, iconográfico, etc?

...Um desses critérios é justamente a diversidade de gêneros discursivos – é essa diversidade que vai favorecer o desenvolvimento de capacidades leitoras, como de intertextualidade e interdiscursividade¹². Outro aspecto fundamental: não é somente a linguagem verbal escrita que nos leva a produzir significações; outras linguagens também contribuem para isso. É pertinente, então, contemplá-las, como por exemplo: filmes, pinturas, dramatizações, etc.

3. A organização do acervo desperta o interesse e facilita o acesso aos leitores?

Além da circulação livre entre as estantes, os livros devem ser expostos organizados por categorias (literatura, artes, ciências, referências, etc.), de forma compreensível e bem visível para o leitor. É também importante criar e renovar sistematicamente cantos temáticos e exposições atrativas de outros portadores de texto: revistas, jornais, etc.

4. A ampliação do acervo é realizada com consulta aos leitores?

Todos os leitores: crianças, jovens, adultos, professores e outros moradores da comunidade devem ser estimulados a expressar o que gostariam de ler e ter no espaço de leitura. Consultar os usuários para ampliar o acervo é mais uma forma de transmitir e realizar a idéia de que o espaço de leitura é de responsabilidade de todos, e que cada um terá suas buscas contempladas.

¹² Sobre interdiscursividade, Rojo (2004, p. 7) destaca: “perceber um discurso é colocá-lo em relação com outros discursos, já conhecidos, que estão tramados a este discurso. Quando esta relação se estabelece, então, num dado texto, como por exemplo, nas paródias, nas ironias, nas citações, falamos de interdiscursividade”. É importante que o usuário possa encontrar no acervo o trecho original de uma obra citada por outro autor, ou o texto original que, por exemplo, foi parodiado. *Paródia* é um gênero discursivo caracterizado como uma apropriação explícita de uma obra já existente e, em geral, consagrada. Trata-se de uma nova interpretação, uma recriação intencional, sendo utilizada nessa nova composição: ironia, crítica, sátira, humor.. Uma obra que foi parodiada muitas vezes: Canção do Exílio, de Gonçalves Dias - “Minha terra tem palmeiras, /Onde canta o Sabiá; /As aves, que aqui gorjeiam, /Não gorjeiam como lá...”. Uma das paródias, de Murilo Mendes: “Minha terra tem macieiras da Califórnia/ onde cantam gaturamos de Veneza./Os poetas da minha terra/são pretos que vivem em torres de ametista,/os sargentos do exército são monistas, cubistas, os filósofos são polacos vendendo a prestações”.



5. Há sistema de empréstimos de livros?

Todo espaço de leitura deve ter, em funcionamento constante, o serviço de empréstimos de livros para os diferentes públicos, incluindo as crianças. Para tanto é imprescindível ter um sistema definido de controle dos empréstimos, podendo ser manual ou eletrônico. Para chegar a um sistema adequado é preciso negociar com os usuários – prazos e condições para devolução de modo a equilibrar regras com certa maleabilidade. Negociar regras com os leitores é uma boa estratégia para estimular empréstimos e levar os usuários a se comprometerem com o cuidado na conservação desses bens culturais, que pertencem a todos.

6. Há sistema de catalogação em uso?

Catalogação é uma técnica de organização de portadores de texto, utilizada para classificar e inventariar – devem constar nas fichas catalográficas, basicamente, dados como: sobrenome e nome do autor, título da obra, local e ano da publicação).. É imprescindível que todo espaço tenha em funcionamento constante um sistema de catalogação sob responsabilidade de um educador mediador de leitura (ou bibliotecário se houver). Essa organização sistemática não só facilita as buscas dos usuários como permite que o educador mediador tenha sempre em mente o material com o qual pode contar e o que falta em seu acervo.

7. Há estratégias de ampliação e diversificação de acervo?

O educador deve ter estabelecido, no seu plano de ação, procedimentos para ampliar o acervo continuamente: busca junto aos programas de políticas públicas de incentivo à leitura, inclusão nos itens de financiamento dos planos anuais do Programa Práxis em Ler, campanhas locais, busca junto a outras orgs, empresas, editoras, livrarias etc..



(4) MEDIAÇÃO DE LEITURA

Para início de conversa, precisamos definir muito bem o que significa a palavra mediação, hoje tão usada quando o tema é leitura. Vamos então ao dicionário, esse imprescindível mediador, que nos orienta no complexo universo das palavras e suas definições.

Basicamente, encontramos como sinônimos de mediação os seguintes termos: **intervenção/ intercessão/ intermédio** – prefixo **inter**, que indica posição intermediária – reciprocidade, como em *interação, interlocução, interdisciplinar* e mais um grande número de combinações...

Estamos, pois, no campo da troca, das relações que são estabelecidas entre: coisas, pessoas, conceitos – sendo que essa troca se dá por intermédio de uma terceira coisa, pessoa ou conceito, que tem como função produzir um acordo, chegar a uma solução, a um consenso.

O mediador é então, justamente, um moderador, alguém que coordena uma discussão, por exemplo; alguém que busca dividir ao meio, em duas partes iguais - ele é, pois, sempre par, e nunca ímpar...

Numa palavra, é parceiro: companheiro, cúmplice – pronto a estabelecer parceria, que significa, em termos gerais: reunião de pessoas para um fim de interesse comum.

E qual seria esse interesse comum? A leitura - termo que, obviamente, dispensa o dicionário... Todos sabemos o que significa ler (lembrando, ler vem de *legere*, "ato de escolher grãos de um cereal", sendo, por aproximações metafóricas, transformada em: escolher letras e palavras; ou seja, *ler*). Até mesmo quem não sabe ler sabe o que é ler, pela falta que faz!

Inúmeras são as metáforas utilizadas para definir essa ação - quase todas já bem gastas, mas ainda assim eficientes: viajar é, sem dúvida, a mais corriqueira, e talvez a mais precisa quando tratamos de literatura, narrativas, histórias.

Mais do que reconhecer as letras, ou um determinado código, ler envolve outras capacidades, como vimos na introdução - principalmente, a capacidade de interpretar (hermenêutica), captar significados, construir sentidos – ler o mundo. Ler abarca não só um conhecimento que adquirimos, como a disposição para criar algo inédito, próprio – atribuir novos significados e sentidos para algo pré-existente, mas sempre em transformação.

Estamos, pois, no campo da cultura (raiz *col*, que significa cultivar, tratar bem, cultivo de conhecimento). Aqui entendida não só como o que herdamos, o que nos é transmitido de geração a geração - campo da memória, daquilo que guarda soluções possíveis para as questões humanas



fundamentais, mas também como *processo ativo de construção de significados*, do qual cada um e todos participam com suas necessidades e projetos (Maher, 2007)¹³.

É isso que encontramos nos livros, nos materiais escritos, é isso que buscamos: possibilidade de criar novas articulações a partir do já estabelecido.

Cultura rima com abertura!

Mas qual seria o papel do mediador nesse universo? E também qual seria o papel de um determinado mediador, o *educador mediador de leitura*?

O *educador mediador* proposto pelo Programa Práxis em Ler é alguém responsável pelo planejamento e realização da programação de leitura do espaço e preparado para realizar esta tarefa. É o educador que acompanha o leitor em sua busca, que observa com acuidade e perspicácia para orientar, identificando temas que lhe são significativos neste vastíssimo repertório de palavras...

Como representante da cultura, se dispõe a nos apresentá-la, não como alguém que tudo sabe, mas como alguém também aberto para aprender com o outro, com seu parceiro de viagem.

De fato, podemos dizer que a tarefa primordial de um educador mediador de leitura é apresentar ao educando um universo cultural que ainda não lhe é de todo conhecido - ambientá-lo, familiarizá-lo com os materiais, os discursos das mais diversas áreas, arte, ciência, política, religião.... Neste sentido o educador mediador de leitura tem uma dupla tarefa: 1) apresentar o universo dos livros aos leitores apontando caminhos de transformação, possibilidades de se inserir nesse universo, inovando-o e 2) estimular a responsabilidade e cuidado para com esse patrimônio da humanidade, algo que precisa ser conservado como memória (daí a importância do cuidado com o acervo, como já vimos,).

Não se trata, pois, de incentivar o consumo de livros, individualmente – e sim de pensar a leitura como prática social em que é possível transitar entre o que é do âmbito público – reconhecendo a complexidade do mundo em que vivemos, da realidade, do mundo da informação cada vez mais extensa – e o que é do âmbito privado – igualmente complexo e infinito, lembrando que também aqui o sentido último é a coletividade. Antes do *eu* vem o *nós*!

Para que o trabalho, de fato, ganhe as dimensões que estamos propondo, é necessário, então, que o *educador mediador* esteja sempre presente no espaço de leitura promovendo a interação com os leitores e cuidando das condições de uso do espaço e do acervo.

¹³ Teresinha Machado Maher, *A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo*, texto publicado na coletânea *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces* (orgs. Cavalcanti e Kleiman, UNICAMP, 2007).



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Práxis em Ler

Além disso, é importante também que o educador mediador prepare outros leitores para serem mediadores de leitura, com as funções de apresentar as obras, oportunizar situações de reflexão; problematizar falas; ampliar referências e estabelecer relações entre os saberes pretendidos e os saberes do grupo de participantes, que vão sendo explicitados nas interações.

Um exemplo: se o indivíduo ou grupo costuma ler apenas HQ da Turma da Mônica, cabe ao mediador selecionar um tema a ser explorado a partir desse material. E esse tema vai desde algo relacionado ao conteúdo abordado em determinada história – conflito menina/menino - como à forma como esse conteúdo é apresentado ao leitor, desvendando assim as peculiaridades do gênero – por exemplo, imagem no lugar da palavra, humor, etc. Cabe também desvendar outras possibilidades de ampliação em termos de gêneros discursivos e contexto/condições de produção – por exemplo: ler a biografia do autor dos quadrinhos, para compreender quais suas intenções ao criá-los; pesquisar sobre como essa publicação tem circulado em outros países; pesquisar a indústria dos quadrinhos e também em que outras esferas circulam, como jornais e internet. Imprescindível, também, que o leitor experimente produzir uma história em quadrinhos - crie personagens, tematize algo que queira compartilhar com seus possíveis leitores experimentando utilizar as peculiaridades deste gênero.

Mas, para que essas funções sejam exercidas, é necessário, que o próprio mediador receba uma formação apropriada, que lhe permita criar estratégias não só para aproximar os usuários dos livros, como para explorar as mais diversas características dos vários gêneros de discurso que circulam nas esferas de atividades humanas.

As ações dos educadores mediadores devem levar, então, a uma familiaridade maior com a linguagem escrita, a uma diversificação das práticas letradas no cotidiano, visando formar cidadãos que se sintam potentes para fazer uso da leitura e escrita em suas vidas.



Indicador 4: MEDIAÇÃO DE LEITURA

Descritores:

1. O educador mediador apresenta experiência e formação para sua função?

Um bom educador-mediador de leitura deve ser capaz de:

- a) Apropriar-se das peculiaridades dos vários gêneros discursivos e das esferas de atividade em que circulam;*
- b) Criar situações e estratégias que levem à interação entre os membros da comunidade de leitura;*
- c) Discutir os diferentes efeitos que a leitura pode provocar em função das condições de produção do texto a ser lido;*
- d) Disponibilizar-se para o outro – partir de onde este outro está para propor ampliações de repertório;*
- e) Viver também a experiência de parceria no campo da leitura;*
- f) Cuidar do espaço de leitura e do acervo, de modo a instituir nos membros da comunidade a responsabilidade pelos espaços de convivência e pelo patrimônio cultural que circula nos livros.*

2. O educador mediador planeja a atividade de promoção de leitura?

Lembre-se: não estamos no âmbito de aprendizados formais, os quais exigem planejamentos rígidos de acordo com metas curriculares. São necessários princípios que norteiam o trabalho de desenvolvimento da leitura, como estamos expondo neste documento. E um desses princípios diz respeito, justamente, à co-construção de conhecimento por parte do público para o qual as ações são dirigidas. São, portanto, suas necessidades e buscas que devem vigorar em primeiro plano. Portanto, as atividades de leitura devem ser intencionalmente preparadas com antecedência, planejadas de acordo com o que se conhece das características, interesses, potenciais e dificuldades dos leitores, tendo em vista ampliar seus repertórios e suas capacidades leitoras.

3. O educador mediador planeja e avalia as atividades de leitura com conhecimento do público leitor?

É importante ter claro aqui, em primeiríssimo lugar, quem é o público leitor, lembrando que estamos no âmbito de ações voltadas para pessoas com características específicas e para uma coletividade. As palavras de ordem são: trocar, debater, compartilhar idéias e impressões, elaborar réplicas, dialogar. Partir das palavras dos livros e outros portadores de texto e a elas contrapor as palavras do grupo de usuários.

4. O educador mediador planeja atividades apropriadas para necessidades e interesses do público leitor?

Antes de programar qualquer atividade de leitura o educador mediador deve conhecer quem são os participantes,, quais são seus recursos, interesses, potenciais ou dificuldades: perceber o lugar em que o outro se encontra procurando lhe indicar caminhos de ampliação de seu repertório.

5. O educador mediador desenvolve atividades de formação de outros mediadores de leitura?

O educador mediador é um catalisador de ações e um formador! Sua ação como formador inclui também formação dos leitores que se tornam mediadores. Ele deve incentivar, estimular e formar outros mediadores para que constituam com ele grupos de referência ao leitor, funcionando como equipes do espaço de leitura (voluntários, professores, jovens e outros).

6. O educador mediador planeja, avalia e acompanha a atuação dos outros mediadores?

É o educador mediador que vai dar um norte ao trabalho dos outros mediadores sabendo que a integração da equipe de mediadores é imprescindível! Neste processo é fundamental o educador mediador ter preparado e organizado estratégias para orientar, apoiar o mediador em atividade com outros leitores, incentivar a troca de idéias, criar um clima de coleguismo e solidariedade.

7. Grupos de leitores são incentivados a atuar como mediadores de leitura?

Sabe-se que um leitor que gosta de ler gosta também de dar dicas, falar sobre os livros “que mexem ou mexeram com sua cabeça”, para as pessoas de seu convívio. Observamos, com frequência, essas mediações espontâneas no cotidiano. Este é um potencial que pode ser identificado entre os frequentadores no espaço de leitura e orientado para ampliar as práticas sociais com leitura neste espaço



8. Grupos de voluntários participam das atividades de formação do leitor?

Faz parte do Programa de Voluntários da C&A o desenvolvimento de experiências de participação social do associado da empresa em organizações parceiras, cujo foco é o desenvolvimento da leitura. Assim, os voluntários também são pessoas que necessitam se desenvolver como leitores.

9. Grupos de voluntários participam do planejamento das práticas de leitura?

O voluntário deve ser integrado ao trabalho, participando do planejamento da programação do espaço e orientado para atuar nas atividades de promoção da leitura de forma orgânica, e nunca de forma espontaneísta ou não alinhada com as ações do projeto.

10. Grupos de voluntários são incentivados e orientados para atuar como mediadores?

O educador mediador deve incluir nas ações de formação do projeto a serem desenvolvidas no espaço de leitura a formação do voluntário como leitor e mediador de leitura.



(5) GESTÃO DO PROJETO

Como vimos, é inquestionável a importância da atuação do educador - mediador no projeto de leitura (discutida no indicador 4), como um agente que promove a organização do espaço, cuida do acervo e orienta e forma leitores. Sua função é vital para que o projeto de leitura aconteça e enraíze na organização educativa e na comunidade onde se localize.

Trata-se, pois, de um *cuidador* desse espaço de convivência em prol da leitura. É ele que negocia os limites e possibilidades de uso desse espaço e o preenche de modo que cada um de seus frequentadores e toda a comunidade possa percebê-lo como lugar de pertencimento; numa palavra, que oferte hospitalidade -

faço parte deste lugar, desta comunidade de leitores, algo meu está aqui, presente, seja nas prateleiras, nos cantos e recantos, nas páginas dos livros, ou na própria memória do mediador, que lembra de minhas buscas ao organizar este espaço, seleciona os grãos-palavras que sempre me levam adiante, me colocando em abertura e me levando a esta intensa troca de idéias e percepções com meus colegas.

Como *cuidador* do espaço de leitura torna-se também co-responsável, junto com a coordenação e direção institucional pelo bom funcionamento e sustentabilidade do projeto de leitura. Em outras palavras, o educador mediador promove e assegura as condições necessárias para o leitor e grupos de leitores interagirem com os livros de diferentes gêneros e também com as pessoas participantes deste espaço.

Assim, suas tarefas podem ser agrupadas em três partes, uma dependendo da outra: o cuidado com o ambiente físico e sua preparação para as diferentes atividades de leitura, o cuidado com o acervo, e a promoção da interatividade do leitor com outros leitores e com os livros. Para que isso aconteça é necessário que o educador mediador planeje e avalie sistematicamente suas ações e o funcionamento do espaço.

O conjunto dos descritores do indicador **gestão**, é uma referência para orientar o educador-mediador e os gestores da organização em sua função gestora.



Indicador 5: GESTÃO

Descritores

1. O educador mediador elabora e executa o plano de funcionamento e uso da sala de leitura?

O educador mediador de leitura pode elaborar o plano de funcionamento do espaço de forma participativa com os leitores e outros agentes do espaço de leitura.

O plano é realizado com base no projeto de leitura e deve conter: atividades, horários, acordos e responsabilidades quanto a:

- a) funcionamento do espaço,*
- b) programação semanal, mensal ou de eventos pontuais de atividades de leitura,*
- c) atendimento e orientação para empréstimos dos livros,*
- d) orientação de pesquisas e outros serviços do espaço,*
- d) organização do trabalho de limpeza, preparo do ambiente para atividades, guarda dos livros, etc.*

2. O educador mediador administra o funcionamento da sala de leitura?

Ele é a pessoa responsável pelo cuidado e coordenação cotidiana das atividades do espaço, com base no plano de funcionamento compartilhado com leitores e outros agentes do projeto;

3. O educador mediador produz materiais de comunicação do projeto e das programações do espaço?

O educador mediador pode organizar grupos de mediadores e de leitores para a produção dos materiais informativos. Trata-se de folhetos, informativos eletrônicos, cartazes e outros veículos de comunicação da programação do espaço;

4. O educador mediador articula e integra a programação do espaço de leitura com as atividades da organização?

A integração é necessária quando o espaço de leitura é uma parte da organização educativa, como o caso das creches, escolas, associações entre outros.

No caso das creches e escolas é importante integrar a programação de leitura do espaço de leitura com o projeto educativo.

5. O educador mediador realiza avaliação interna apoiada nos indicadores do Programa Práxis em ler ?

É importante que o educador mediador tenha claro as suas tarefas de:

Preparar, realizar e/ou coordenar a utilização dos instrumentos de acompanhamento e avaliação (registros das atividades de leitura, ficha de observação do acervo, ficha da distribuição orçamentária do projeto, listas de frequência, etc);

Coordenar a avaliação dos indicadores realizada por meio do instrumento de acompanhamento e avaliação do projeto;

Preparar, promover e coordenar grupos de discussão e encontros semestrais de avaliação interna do projeto;

6. O educador – mediador elabora os relatórios institucionais?

Ver o formulário do relatório institucional no anexo ____ . É o documento de sistematização da avaliação interna a ser enviado semestralmente para o IC&A. O educador mediador é co-responsável pela sua elaboração com a coordenação e dirigentes da organização.



7. O educador mediador de leitura promove a comunicação e a visibilidade do espaço de leitura e de sua programação junto à organização e comunidade?

A democratização do espaço de leitura pressupõe o acesso e sentimento dos moradores da comunidade de pertencer ao espaço de leitura. O educador mediador é uma das lideranças que pode promover esta democratização, desenvolvendo estratégias de informação sobre a programação do espaço de leitura e de convites aos moradores da comunidade a participar deste espaço. Isto pode ser feito por meio de:

- a) contatos e/ou encontros com diferentes lideranças comunitárias para divulgar sistematicamente a programação de leitura realizada no espaço de leitura e convidar os moradores para participar dos eventos;*
- b) promover, quando possível, programações conjuntas com outras organizações locais: organizações governamentais, escolas, grupos comunitários, bibliotecas, etc.*
- c) expor materiais de informação sobre as produções e programação do espaço de leitura nos locais de grande circulação de moradores da comunidade: comercio, postos de saúde, escolas, espaços de convivência entre outros.*

8. O educador mediador administra, com os gestores da organização, a aplicação dos recursos financeiros?

É importante o educador mediador conhecer os recursos financeiros destinados ao espaço de leitura e suas ações e administrar, junto com a coordenação local, a aplicação dos recursos financeiros de acordo com o planejado.



III. COMO UTILIZAR OS INDICADORES?

É muito importante considerar que um pequeno conjunto de indicadores pode ser suficiente para avaliar a qualidade de um espaço de leitura ou um projeto de leitura. Porém, sabemos também que há projetos de leitura com características muito específicas, em diferentes organizações e nos vários cantos do país. Sendo assim, outros indicadores podem ser criados para responder às realidades específicas de cada projeto.

E aqui vale um conselho: é melhor elaborarmos poucos indicadores, com os quais consigamos trabalhar bem, de modo que nos sinalizem realmente o que queremos avaliar. Muitos indicadores exigem muitos meios de verificação e torna o processo mais complicado e nem sempre eficiente.

Para saber como utilizar os indicadores, é preciso saber o que eles podem aferir ou medir e como fazê-lo. Sabemos que os indicadores devem **indicar o que varia** em uma realidade ou situação trabalhada. As variações podem referir-se a:

1) Quantidade:

Exemplo: *número de empréstimos de livros por mês*

2) Existência ou não do elemento observado

Exemplo: *Há salas de leitura para uso do público interno e da comunidade*

3) Conjunto de atributos do elemento observado

Exemplo: Indicador: Acervo

Neste caso, o indicador contém um conjunto de atributos, também chamados significados que, quando combinados, indicam a qualidade do acervo. Cada um dos significados torna-se um descritor. O quadro abaixo apresenta os descritores de um bom acervo.

Descritores	Sim	Não	Em parte	NI
1. Há quantidade adequada de livros e outros portadores de texto ao público atendido?(responder a partir do preenchimento lista do acervo, anexo x)				
2. Há diversidade no acervo: literatura, jornais, revistas, biografias, gibis, mapas, dicionários, memória local, audiovisual, iconográfico e etc ?				
3.A organização do acervo desperta o interesse e facilita o acesso dos leitores?				
4. A ampliação do acervo é realizada com consulta aos leitores?				
5. Há sistema de empréstimo de livros? (qual?)				
6. Há sistema de catalogação em uso (qual ?)				
7.Há estratégias de ampliação e diversificação do acervo? (quais)				



É entendido que indicadores **indicam** algo importante que está acontecendo em uma determinada situação ou realidade, e que cada um contém um conjunto de significados, chamados descritores.

Para facilitar a avaliação, os descritores foram convertidos em perguntas. Será justamente **o tipo de resposta** dada às perguntas que indicará **em que medida** o atributo/descriptor existe, está bom ou precisa ser melhorado. Para saber isso, cada descritor apresenta 4 possibilidades de respostas:

Sim: a situação acontece de acordo com o desejado ou parâmetro estabelecido

Não: não acontece ou não existe

Em parte: a situação acontece, mas não está adequada, é frágil, precisa ser melhorada.

Não informado: os agentes que avaliam não têm dados em que possam se basear para dar a resposta. Isto acontece quando o atributo não foi observado ou não há registro suficiente sobre ele.

Outra questão muito importante: ao refletir sobre as respostas de cada indicador e seus motivos, os agentes do projeto poderão localizar qual é o problema, pensar e combinar soluções para o mesmo. As soluções podem ser imediatas ou mais a longo prazo, de acordo com os recursos adquiridos ou desenvolvidos pela organização que implementa o projeto.

O acompanhamento do projeto aponta para providências imediatas de correção. Por isso, abaixo de cada indicador, o agente avaliador deverá comentar o motivo das respostas sim, não, em parte e não informado, que orientará providências imediatas e mais a longo prazo. Veja o quadro abaixo

Indicador (3) Acervo

Descritores	Sim	Não	Em parte	NI
1. Há quantidade adequada de livros e outros portadores de texto ao público atendido?(responder a partir do preenchimento lista do acervo, anexo x)				
2. Há diversidade no acervo: literatura, jornais, revistas, biografias, gibis, mapas, dicionários, memória local, audiovisual, iconográfico e etc ?				
3. A organização do acervo desperta o interesse e facilita o acesso dos leitores?				
4. A ampliação do acervo é realizada com consulta aos leitores?				
5. Há sistema de empréstimo de livros (qual sistema)?				
6. Há sistema de catalogação em uso (qual sistema)?				
6. Há estratégias de ampliação e diversificação do acervo? (quais)				
Total de respostas (sim) (não) (Em parte) (Não Informado – NI)				
Comentários sobre as respostas dadas em relação aos descritores				

A avaliação pode e deve apontar para soluções que requerem um **plano de ação** mais a longo prazo. Além de propor correções para o que está inadequado o plano pode propor também o desenvolvimento de novas iniciativas.



PASSO A PASSO DA AVALIAÇÃO

Todos os participantes do projeto podem participar e são muito bem vindos à avaliação. Mas, a tarefa e responsabilidade do acompanhamento do projeto é do educador mediador. Assim também como é dele a tarefa de promover e coordenar reuniões e encontros para a avaliação do projeto.

O Programa Prazer em Ler busca apóia-lo em todo o seu trabalho, durante o ano, por meio da assessoria pedagógica. São formadores, vinculados a gestão do Programa Prazer em Ler, que propõem e realiza, o apoio pedagógico e o acompanhamento dos projetos de leitura à luz do mesmos indicadores e marco referencial aqui apresentado. Apresentamos a seguir os 12 passos do acompanhamento e avaliação que orientam o caminho do educador mediador. Em seguida apresentamos dois gráficos; o primeiro é o cronograma e fluxo do acompanhamento e avaliação durante o ano, o segundo propõe a seqüência de utilização dos instrumentos de avaliação.



Preparando o acompanhamento e avaliação

- 1º **PASSO:** Após a leitura cuidadosa do projeto de leitura, elabore um quadro – matriz de avaliação – contendo os objetivos, resultados, indicadores e meios de verificação (Ver formulário anexo)
- 2º **PASSO:** Apresente e discuta os elementos da matriz com os coordenadores da organização e outros mediadores do projeto (professores, voluntários e outros);
- 3º **PASSO:** Apresente e discuta os elementos da matriz com os coordenadores da organização e outros mediadores do projeto (professores, voluntários e outros); Após o levantamento das contribuições, elabore a matriz que vai orientar a avaliação. Coloque a data na matriz. Ela poderá sofrer variações durante o ciclo de avaliação;
- 4º **PASSO:** Veja os formulários de registro apresentado pelo Programa Prazer em Ler: *Ficha de observação do acervo, ficha de distribuição orçamentária*. Esclareça possíveis dúvidas com os assessores pedagógicos ou coordenador do Programa Prazer em Ler;
- 5º **PASSO:** Elabore ou escolha algum modelo de formulário de **registro das atividades de leitura**.
O *Relatório Institucional* apresenta um quadro deste registro que pode ser utilizado;
- 6º **PASSO:** Veja outros instrumentos usados no espaço de leitura ou organização, que podem também ser aproveitados; exemplos: programação das atividades do espaço de leitura, cadastro de participantes, lista de presença em eventos, catalogação do acervo, registros fotográficos ou filmados entre outros
- 7º **PASSO:** Estabeleça uma rotina de utilização dos instrumentos. Exemplo:
 - a. registro de atividades elaborado em todas as atividades,
 - b. ficha de observação do acervo: 1 vez por semestre;
 - c. ficha de distribuição orçamentária: 1 vez por semestre ...

Realizando o acompanhamento e avaliação apoiando-se nos instrumentos

- 8º **PASSO:** Registre as atividades e recursos de registro (acervos e outros).
- 9º **PASSO:** Combine com os gestores da organização uma rotina de providências a serem tomadas (monitoramento), para corrigir situações inadequadas (apoiado na verificação dos registros). Veja e combine também com os gestores, o que está ao alcance do Educador Mediador resolver imediatamente ou o que precisa ser remetido para outro momento e outras instancias da organização.
- 10º **PASSO:** Inicie, nos dois semestres (junho e dezembro), a verificação dos indicadores, respondendo o *Instrumento de acompanhamento e avaliação*. Utilize os dados dos registros para sua avaliação. **Importante:** Não esqueça de preencher o quadro com os comentários sobre as respostas sim, não, em parte e NI do indicador;
- 11º **PASSO:** Prepare e coordene *Encontros Semestrais de Avaliação* (junho e dezembro) com outros agentes da organização, leitores, e demais participantes. Oriente os participantes do Encontro para responder individualmente ou em grupo os indicadores dos projetos de leitura. Promova e coordene a reflexão apoiada nas respostas dos indicadores. Levante propostas de melhoria do projeto.
- 12º **PASSO:** Elabore o *Instrumento de Acompanhamento e Avaliação* do semestre contendo as contribuições dos agentes do projeto, manifestadas no *Encontro*. Este instrumento o apoiará na elaboração dos *Relatório Institucional* e *Plano de Ação Anual do Projeto* (explicado a seguir)



Relatório Institucional – RI (ver formulário anexo)

O *Relatório Institucional* é o documento que contém a sistematização da avaliação semestral e avaliação anual do projeto. Por isso o documento contém análises do processo do projeto, planos de continuidade e os registros anexos, que apóiam as análises.

O *Relatório Institucional* é elaborado pelo Educador Mediador de Leitura em co-responsabilidade com os gestores da Instituição;

Plano de Ação Anual (ver formulário anexo)

Considerando que o projeto de leitura pode ter ciclos de até 3 anos de duração, recomenda-se elaborar, ao final de cada período de um ano, o Plano de Ação Anual.

O *Plano de Ação Anual* e os *Relatórios Institucionais* semestrais são instrumentos úteis para os gestores do projeto e gestores do Programa.

Para os gestores do projeto, incluindo o EML: é usado para orientar o que pode e deve ser feito de melhorias do projeto (ou outras iniciativas), quem fará, quanto custará, como obter os recursos, etc.

Para os gestores do Programa Prazer em Ler : é usado para verificar possibilidade de apoio técnico e de investimentos para a continuidade dos projetos de leitura.

Sugestão de procedimentos para preparar e realizar o Encontro de Avaliação

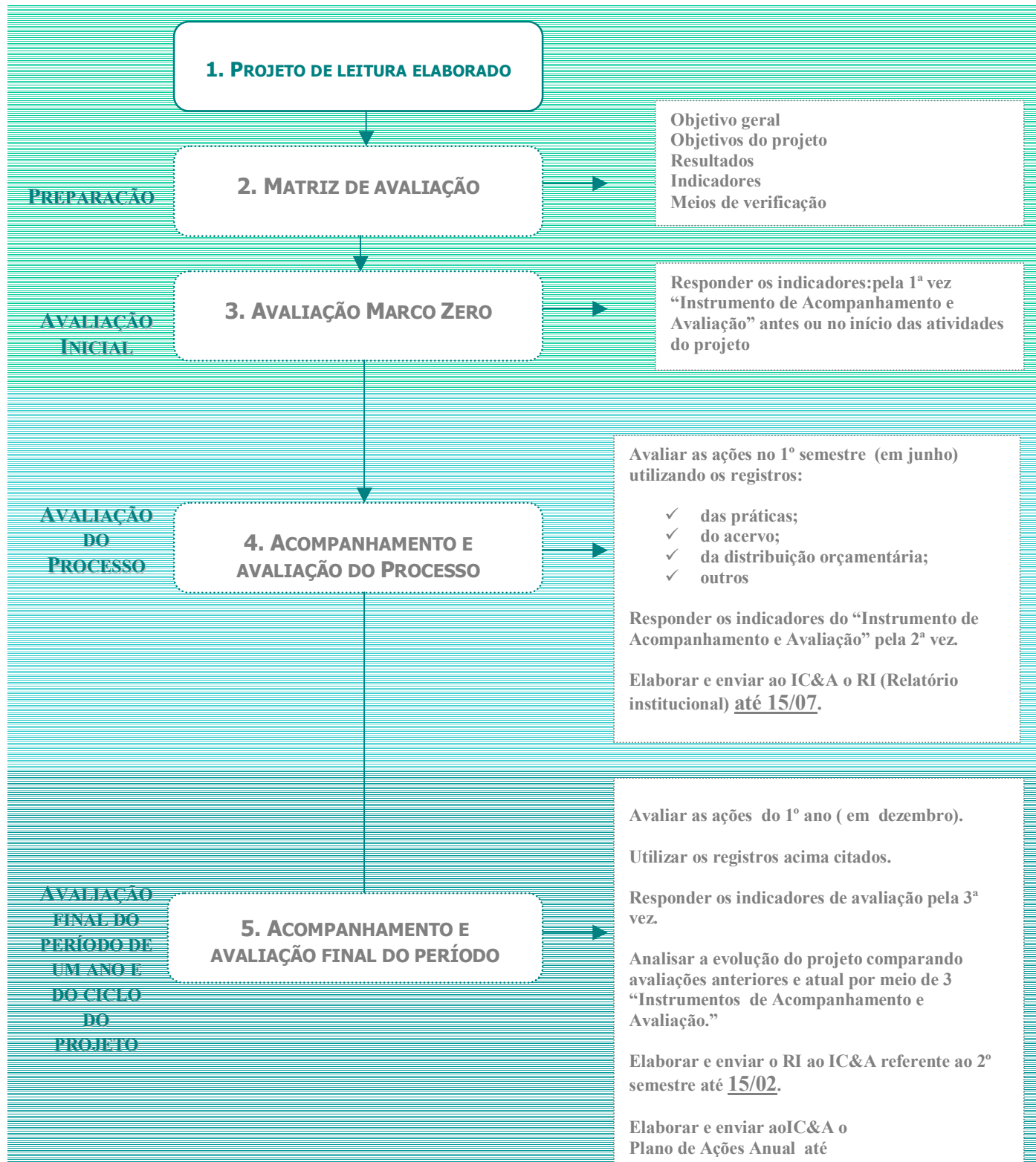
1. Reúna, antes do Encontro, um grupo de mediadores do espaço de leitura e coordenadores da organização e responda os indicadores: Instrumento de Acompanhamento e Avaliação. As respostas serão os dados para realizar a primeira reflexão sobre o funcionamento e qualidade do projeto de leitura;
2. Prepare com os mediadores o Encontro Semestral de Avaliação em que participarão os leitores, moradores da comunidade e demais agentes da organização;
3. Marque com antecedência de pelo menos um mês o encontro de avaliação e faça informativos e convites para participação
4. Para o encontro podem ser feitos três tipos de cartazes. Eles servirão para apoiar a apresentação, esclarecimentos e os acordos do Encontro:
 - Com indicadores e as perguntas do indicador (descritores);
 - Com os tipos de respostas: Sim, Não, Em parte, NI explicando o que significa cada uma delas;
 - Critérios a serem adotados para decisão dos indicadores quando tiver:
 - Respostas convergentes
 - Respostas divergentes
5. Organize os participantes do Encontro em pequenos grupos de discussão dos indicadores (Cada um dos grupos pode assumir 2 indicadores para dar tempo de aprofundar a discussão).
6. Distribua para cada um dos participantes um formulário do *Instrumento de Acompanhamento e Avaliação* e peça para responder os indicadores (pode ser antes da discussão dos grupos ou durante os grupos).
7. Realize a plenária final pedindo para um relator de cada grupo apresentar as respostas dos indicadores e as reflexões do grupo.

Obs: As divergências são bem vindas. Elas favorecem a leitura crítica dos acontecimentos, a busca de entendimentos e esclarecimentos e conseqüentemente a melhor observação dos indicadores .

8. Coordene a plenária final de discussão e reflexão geral dos indicadores, buscando uma síntese para o preenchimento de um Instrumento de Acompanhamento e Avaliação do Projeto por Semestre.



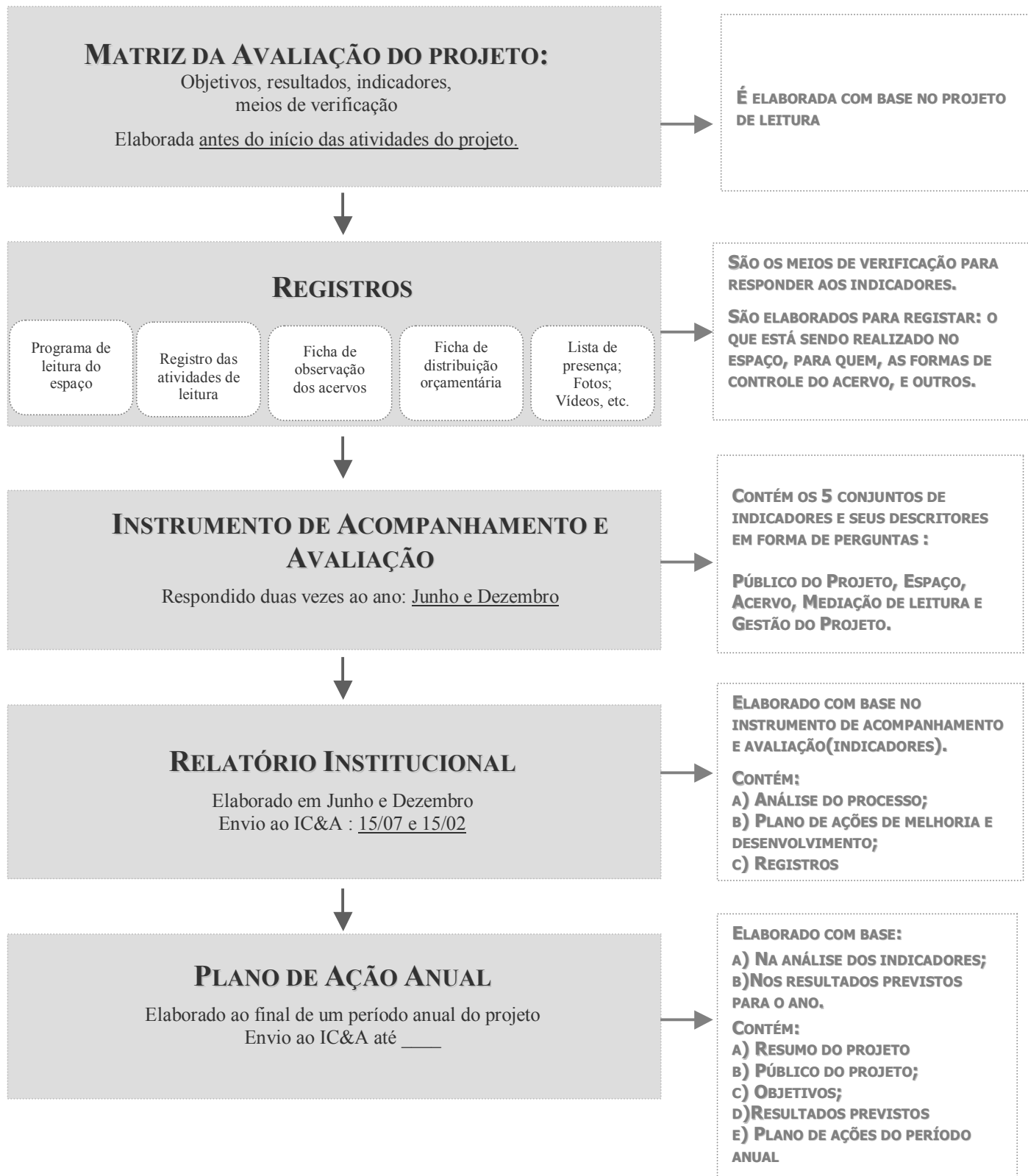
CRONOGRAMA E FLUXO DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS DE LEITURA DURANTE O PERÍODO DE 1 ANO



→ O FLUXO SE REPETE DURANTE OS PRÓXIMOS 2 ANOS PREVISTOS DO PROJETO.



SEQÜÊNCIA DE UTILIZAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DOS PROJETOS DE LEITURA





IV . CONCLUINDO

Reiteramos, então, que este guia não se pretende concluído. Trata-se de mais um momento de um logo processo de construção, que tem nos levado a buscar um aperfeiçoamento cada vez maior das práticas avaliativas referentes aos *Projetos de Leitura do Programa Práxis em Ler*.

Trabalho realizado em parceria com os coordenadores do Programa, formadores, assessores pedagógicos e educadores mediadores de leitura dos Projetos, mais uma vez procuramos contemplar a diversidade de realidades sociais dos sujeitos envolvidos, mas sem perder de vista a necessidade de articular ações comuns para o desenvolvimento de práticas sociais de leitura.

Como vimos, essas ações englobam além da utilização de *instrumentos* de acompanhamento e avaliação, a adoção de uma concepção de linguagem. Concepção esta que fundamenta os conceitos de qualidade do espaço, acervo e mediação de leitura nos oferecendo parâmetros seguros, para avaliar os Projetos que fazem parte do *Programa Práxis em Ler*.

Em especial, destacamos aqui o papel do educador mediador, pois consideramos que sua presença ativa é imprescindível para o desenvolvimento do trabalho.

Multifacetado, esse agente deve, basicamente, formar leitores e outros mediadores de leitura, sempre tendo em mente os princípios que norteiam a prática social de leitura. Para isso acontecer com a qualidade e na escala desejada, ele não pode estar só, ele precisa promover e coordenar a participação das pessoas no projeto: leitores, voluntários e outros mediadores. Pessoas que possam atuar também na formação de leitores, no acompanhamento e avaliação das práticas de leitura, do espaço de leitura e acervo, na disseminação do espaço junto à comunidade. Enfim, o educador mediador é um agente que busca e forma outros pares, para compartilhar a tarefa de promover interação entre os participantes da comunidade de leitura.

Trata-se, fundamentalmente, de um *cuidador*, não só do espaço e do acervo, mas também de todos os freqüentadores, tendo a função de lhes apresentar as obras, incentivando reflexões, diálogos, trocas, e ampliando referências, sempre tendo em mente que deve estabelecer relações entre os saberes pretendidos e os saberes do grupo de participantes. Para tanto, esse agente necessita não só ser leitor, como também um parceiro que se disponibiliza para o outro, afetivamente, apresentando-lhe o universo dos livros de modo significativo e atraente.

Por fim, esperamos que este guia possa se tornar também um parceiro para todos os agentes envolvidos nos Projetos de Leitura do *Programa Práxis em Ler*.



V. BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Documento do *Programa Prazer em Ler*. Instituto C&A, 2006

GAZPIO, Dora. *Soportes en la biblioteca de hoy: desarrollo de las habilidades de información*. 3 ed. Buenos Aires: Fundación Centro Integral Comunicación, Cultura y Sociedad, 2006.

KATZENSTEIN, Úrsula E. *A origem do livro - da Idade da Pedra ao advento da impressão topográfica no Ocidente*. São Paulo: Editora Hucitec, em convênio com o Instituto Nacional do Livro - Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

MAHER, Teresinha Machado. *A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo*. Texto publicado na coletânea *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces* (orgs. Cavalcanti e Kleiman, UNICAMP, 2007).

MILANESI, Luís. *O que é biblioteca*. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIERUCCINI, Ivete. *A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca da informação em educação*. São Paulo: USP, tese de doutoramento, 2004.

Prazer em Ler, v. 2. *Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura*. Cenpec, 2007

Prazer em Ler v. 1, Cenpec, 2006

ROJO, Roxane. *Letramento e Capacidades de Leitura para a Cidadania*. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004 - São Paulo, SEE, CEMP, 2004.

VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras - Manual de etimologia do Português*. São Paulo: Globo, 2003.



VI. ANEXOS

Anexo 1 - Matriz da avaliação do projeto de leitura

Anexo 2 - Matriz da avaliação do projeto de leitura (modelo preenchido)

Anexo 3 - Instrumento de Acompanhamento e Avaliação do Projeto de Leitura

Anexo 4- Ficha de observação do acervo

Anexo 5 - Modelo de apresentação do Plano de Ação

Anexo 6 - Relatório Institucional de Acompanhamento e Avaliação

Anexo 7 - Ficha de registro das informações orçamentárias



ANEXO 1 -

Matriz de Avaliação do Projeto de Leitura

articula os objetivos, estabelece resultados previstos de acordo com objetivos, indicadores para avaliar os resultados e os meios de verificação dos indicadores.

Objetivo geral (do programa da ong)			
Objetivo do projeto de leitura	Resultados previstos de acordo com os objetivos específicos	Indicadores possíveis	Meios de Verificação
objetivo específico 1 :			
objetivo específico 2 :			



ANEXO 2 – MATRIZ DA AVALIAÇÃO PREENCHIDA

Matriz de Avaliação do Projeto de Leitura

articula os objetivos, estabelece resultados previstos de acordo com objetivos, indicadores para avaliar os resultados e os meios de verificação dos indicadores.

Objetivo geral (do programa da ong)

“Apoiar a formação de leitores críticos e lideranças entre alunos das escolas públicas, ampliando seu acesso ao conhecimento por meio de leitura em grupo de obras que ressaltam valores e modelos de conduta”

Objetivo do projeto de leitura

“Formar líderes multiplicadores com forte discernimento ético, capazes de despertar e desenvolver em outros jovens o prazer pela leitura e reflexão em grupo dentro e fora de suas comunidades escolares”

Resultados previstos de acordo com os objetivos específicos

Indicadores possíveis

Meios de Verificação

objetivo específico 1 :

Organizar e capacitar uma rede de educadores (alunos) que conduzem Círculos de leitura nas escolas em que estudam.

15 alunos de ensino médio formados durante um ano desenvolvem Círculos de leitura em escolas de ensino fundamental e médio em Rio Vermelho a partir de janeiro de 2007

*Numero de alunos preparados para Mediação de leitura (Ver descritores do indicador)
No de participantes/série escolar nos círculos
Ver descritores público do projeto*

*Registro das práticas de leitura
Relatório de atividades dos alunos multiplicadores*

objetivo específico 2 :

Desenvolver Círculos de Leitura em espaços de leitura da comunidade e das escolas

*Todas as escolas de ensino fundamental de Rio Vermelho desenvolvem Círculos de Leitura em sua grade de aulas.
2 espaços comunitários de Rio Vermelho desenvolvem Círculos de Leitura para jovens e adultos*

*No. e tipo de espaço de leitura utilizados (ver descritores)
No.e tipo de livros por multiplicador e por participante dos círculos (ver descritores)
No. de participantes por idade/sexo/ocupação*

*Observação da organização do espaço de leitura
Ficha de observação do acervo
Lista de frequência*

**(*)Exemplo baseado no Projeto Círculos de Leitura promovidos pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial
Apresentado ao Programa Práxis em Ler por ocasião do Diagnóstico das Práticas de Leitura nas Escolas de Capela do Socorro em São Paulo**



ANEXO 3

I- INSTRUMENTO DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETOS DE LEITURA

ANO DE INÍCIO DO PROJETO DE LEITURA :

PERÍODO: MAR A JUL

AGO A FEV

1. Público do projeto

Tipo de público	Quantidade público interno	Quantidade público externo
Crianças (0 a 03 anos)		
Crianças (04 a 11 anos)		
Adolescentes (12 a 17 anos)		
Jovens (18 a 25 anos)		
Adultos		
Professores		
Familiares		
Outros. Quais?		
Total:		

2. Espaço de leitura

2.1 Caracterização

Biblioteca

Sala de leitura

Espaço móvel

Qual:

Ano de início do espaço de leitura:

Ano de reforma do espaço (se reformado):

2.2 Organização do espaço de leitura

Descritores	Sim	Não	Em parte	NI
1. A disposição do espaço permite livre acesso do usuário aos livros				
2. Há mobiliário adequado e suficiente para leitura individual e de grupos				
3. Os livros e outros portadores de texto apresentam-se organizados e com boa visibilidade				
4. Há organização de cantos temáticos interessantes ao público leitor				
5. Há boas condições de iluminação, limpeza, conforto e sem ruído.				
7. Existem informativos: murais, cartazes e outros				
7. Há computadores para uso do leitor				
8. Há equipamentos de multimídia				
9. Há presença de mediadores em todo o tempo de funcionamento				
10. Há programação de leitura no espaço				
11. Há comunicação desta programação ao público interno				
12. Há comunicação desta programação aos leitores da comunidade				
13. O espaço permite a acessibilidade às pessoas com deficiência				
14. A área do espaço de leitura está adequada para atender a quantidade de frequentadores do espaço.				
Total de respostas (sim) (não) (Em parte) (Não Informado – NI)				

Comentários sobre as respostas dadas em relação aos descritores



3. Acervo

No. de livros existente no início da parceria com o IC&A	No. atual de livros	Média mensal referente ao período do relatório

Mês	Nº de empréstimo
Janeiro	
Fevereiro	
Março	
Abril	

Mês	Nº de empréstimo
Maio	
Junho	
Julho	
Agosto	

Mês	Nº de empréstimo
Setembro	
Outubro	
Novembro	
Dezembro	

Descritores	Sim	Não	Em parte	NI
1. Há quantidade adequada de livros e outros portadores de texto ao público atendido?(responder a partir do preenchimento lista do acervo, anexo x)				
2. Há diversidade no acervo: literatura, jornais, revistas, biografias, gibis, mapas, dicionários, memória local, audiovisual, iconográfico e etc ?				
4. A organização do acervo desperta o interesse e facilita o acesso dos leitores?				
4. A ampliação do acervo é realizada com consulta aos leitores?				
5. Há sistema de empréstimo de livros (qual sistema)?				
6. Há sistema de catalogação em uso (qual sistema)?				
8. Há estratégias de ampliação e diversificação do acervo? (quais)				
Total de respostas (sim) (não) (Em parte) (Não Informado – NI)				
Comentários sobre as respostas dadas em relação aos descritores				



4. Mediação de leitura

No. De educadores mediadores em relação ao público alvo
Carga horária semanal por **educador mediador**

Descritores	Sim	Não	Em parte	NI
1. O educador mediador apresenta experiência e formação para sua função				
2. O educador mediador planeja a atividade de promoção da leitura				
3. O educador mediador planeja e avalia as atividades de leitura com conhecimento do público leitor?				
4. O educador mediador planeja atividades apropriadas para necessidades e interesses do público leitor?				
5. O educador mediador desenvolve atividades de formação de outros mediadores de leitura?				
6. O educador mediador planeja, avalia e acompanha a atuação dos outros mediadores?				
7. Grupos de leitores são incentivados a atuar como mediadores de leitura?				
8. Grupos de voluntários participam das atividades de formação do leitor?				
9. Grupos de voluntários participam do planejamento das práticas de leitura?				
10. Grupos de voluntários são incentivados e orientados para atuar como mediadores?				
Total de respostas (sim) (não) (Em parte) (Não Informado – NI)				
Comentários sobre as respostas dadas em relação aos descritores				

5. Gestão

Descritores	Sim	Não	Em parte	NI
1. O educador mediador elabora e executa o plano de funcionamento e uso da sala de leitura?				
2. O educador mediador administra o funcionamento da sala de leitura?				
3. O educador mediador produz materiais de comunicação do projeto e das programações do espaço?				
4. O educador mediador articula e integra a programação do espaço de leitura e das programações do espaço?				
5. O educador mediador realiza a avaliação interna apoiada nos indicadores do PPL ?				
6. O educador mediador elabora os relatórios institucionais?				
7. O educador mediador promove a comunicação e a visibilidade do espaço de leitura e de sua programação junto à organização e comunidade?				
8. O educador mediador administra, com os gestores da organização, a aplicação dos recursos financeiros?				
Total de respostas (sim) (não) (Em parte) (Não Informado – NI)				
Comentários sobre as respostas dadas em relação aos descritores				



ANEXO 4

FICHA DE OBSERVAÇÃO DOS ACERVOS

Itens	Sim	Não	Quantidade	Suficiente	Insuficiente	Informações Complementares
1. IMPRESSO						
1.1 Livro: ficção: Prosa e Poesia						
1.1.1 Contos						
1.1.2 Crônicas						
1.1.3 Fábulas						
1.1.4 Histórias de aventuras						
1.1.5 Histórias de terror						
1.1.6 Ficção científica						
1.1.7 Comportamento (Drogas, sexualidade, etc)						
1.1.8 Amor na adolescência						
1.1.9 Romances policiais						
1.1.10 Romances clássicos brasileiros						
1.1.11 Romances clássicos estrangeiros						
1.1.12 Poesia						
1.1.13 Narrativa sem texto (livro de imagem)						
1.1.14 Livro-jogo/ livro-brinquedo						
1.1.15 Literatura de cordel						
1.1.16 bíblia, livros sagrados, ou religiosos						
1.2 Livro: não - ficção						
1.2.1 Didático						
1.2.1.1 Ciências						
1.2.1.2 História						
1.2.1.3 Geografia						
1.2.1.4 Língua Portuguesa						
1.2.1.5 Língua Inglesa						
1.2.1.6 Matemática						
1.2.1.7 Educação artística						
1.2.1.8 Filosofia						
1.2.2 Paradidático						
1.2.2.1 Ciências						
1.2.2.2 História						
1.2.2.3 Geografia						
1.2.2.4 Língua Portuguesa						
1.2.2.5 Língua Inglesa						
1.2.2.6 Matemática						
1.2.2.7 Educação artística						
1.2.2.8 Filosofia						
1.2.3 Dicionário geral						
1.2.4 Dicionário especializado						
1.2.5 Enciclopédia geral						
1.2.6 Enciclopédia especializada						
1.2.7 Bibliografia						
1.2.8 Atlas						
1.2.9 Guia						
1.2.10 Almanaque						
1.2.11 Literatura apropriada a crianças não -						



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Prazer em Ler

alfabetizadas e/ou com pouca maturidade de leitura					
1.2.12 Biografia					
1.2.13 Livros teóricos					
1.2.14 Livros de arte					
1.3 Periódico					
1.3.1 jornais diários					
1.3.2 revistas semanais					
1.3.3 revistas especializadas					
1.3.4 Boletins					
1.3.5 Gibis					
1.4 Folheto					
1.4.1 Publicações não-ficcionais					
1.4.2 Artigos de revista					
1.4.3 Catálogos publicitários					
1.4.4 Manuais de produtos e serviços					
1.4.5 Cartazes					
2. AUDIOVISUAL					
2.1 Video: ficção					
2.1.2 Filmes do cinema infantil e juvenil					
2.1.3 Filme do cinema adulto					
2.1.4 Séries infantis para tv					
2.2 Video: não - ficção					
2.2.1 Documentários					
2.2.2 Entrevistas					
2.2.3 Reportagens					
2.2.4 Musicais					
2.3 Fita - cassete					
2.3.1 Narrativas ficcionais em prosa e poesia (audio - livro)					
2.3.2 Entrevistas e depoimentos					
2.3.3 Reportagens e palestras					
2.4 Audio-CD					
2.4.1 Música erudita					
2.4.2 Música popular					
2.4.3 Narrativa em prosa e poesia					
2.5 Imagem					
2.5.1 Slide e fotografia					
3. MULTIMIDIA					
3.1 Cd-room: obras de referência, jogos pedagógicos e ficção					
3.2 Video DVD					
3.2.1 Filme do cinema infantil e juvenil					
3.2.1 Cinema adulto					
3.2.1 Desenhos animados					
3.2.3 Séries produzidas para tv					
3.2.4 Documentários, reportagens e entrevistas					
3.2.5 Musicais					
4. OBJETOS					
4.1 Jogos: materiais pedagógicos					
4.2 Brinquedo: peças para teatros de fantoche					
5. PRODUÇÃO LOCAL					
5.1 Materiais produzidos pelos agentes da escola					



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Prazer em Ler

6. WEB						
6.1 Acesso à internet						
7. EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS						
7.1 Computador						
7.2 Televisor						
7.3 DVD player						
7.4 Radio gravador						



ANEXO 5

MODELO DE APRESENTAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO ANUAL

1. Dados de identificação da Instituição

1.1 Razão Social:

CNPJ:

1.2 Data da Função:

1.3 Registro no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente:

1.4 Outros registros

1.5 Área(s) de atuação:

- ()
- ()
- ()
- ()
- ()
- ()
- ()
- ()

1.6 Endereço completo para correspondências:

Avenida/Rua:

Nº:

Complemento:

Bairro:

Cidade:

Estado:

Cep:

Telefone:

Fax:

E-mail:

Site

1.7 Dados bancários:

Banco:

Agência

Conta corrente nº:

1.8 Nome do Representante / Cargo:

Nome completo:

RG:

CPF:

Endereço completo:

1.9 Nome do responsável pela elaboração do projeto: (indicar cargo/ função)

Data

**Assinatura do Educador
Mediador**

**Assinatura do Responsável
pela Instituição**



2. Introdução

2.1. Nossa visão sobre projeto de leitura

(Descrever a aprendizagem construída pela instituição no desenvolvimento do projeto de leitura)



3. Breve descrição do projeto (10 linhas)

Apresentar um pequeno resumo do projeto de leitura, explicitando o que é, quando e porque foi implantado em sua organização.

3.1. Público do projeto: (Quantificar)

Atendido nos anos anteriores (inclui 2007)

Tipo de público	Quantidade público interno	Quantidade público externo
Crianças (0 a 03 anos)		
Crianças (04 a 11 anos)		
Adolescentes (12 a 17 anos)		
Jovens (18 a 25 anos)		
Adultos		
Professores		
Familiares		
Outros. Quais?		
Total:		

Previsto para 2008

Tipo de público	Quantidade público interno	Quantidade público externo
Crianças (0 a 03 anos)		
Crianças (04 a 11 anos)		
Adolescentes (12 a 17 anos)		
Jovens (18 a 25 anos)		
Adultos		
Professores		
Familiares		
Outros. Quais?		
Total:		



4. Missão da instituição e objetivos do projeto

4.1. Missão da instituição

(Descrever qual é a missão da instituição que orienta os objetivos abaixo)

4.2. Objetivo do **projeto de leitura**

4.3. Objetivos específicos

(Descrever os objetivos específicos a serem alcançados em 2008)

5. Resultados previstos para o período anual

Resultados previstos podem ser entendidos como **metas**, **produtos** ou **serviços** a serem criados no período. São estes resultados que vão orientar o plano de ação anual. Os resultados são definidos de acordo com os objetivos específicos do projeto e contém atributos qualitativos e quantitativos.

- 1.
- 2.
- 3.
- n.



6. Plano de ações do período anual

O plano de ações apóia-se em duas bases de informação: 1) na análise dos indicadores descritos no Relatório Institucional do ano anterior e 2) nos resultados previstos para 2008.

Resultado previsto (descrever o resultado conforme apresentado no item 5):

INDICADOR	PROBLEMAS A SEREM RESOLVIDOS	AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL
(Explicitar o indicador a ser trabalhado - público, acervo, espaço, mediação de leitura e gestão do espaço.)	(Pode ser compreendido como novos potenciais a explorar)	(Para resolver o problema ou aprimorar o projeto)		

Resultado previsto

INDICADOR	PROBLEMAS A SEREM RESOLVIDOS	AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL
(Explicitar o indicador a ser trabalhado - público, acervo, espaço, mediação de leitura e gestão do espaço.)	(O problema diz respeito as fragilidades apontadas na avaliação como também aos novos potenciais a desenvolver)	(Para resolver o problema ou aprimorar o projeto)		

Resultado previsto

INDICADOR	PROBLEMAS A SEREM RESOLVIDOS	AÇÃO	PRAZO	RESPONSÁVEL
(Explicitar o indicador a ser trabalhado - público, acervo, espaço, mediação de leitura e gestão do espaço.)	(Pode ser compreendido como novos potenciais a explorar)	(Para resolver o problema ou aprimorar o projeto)		

7. Características dos públicos participantes das atividades de leitura:

(Descrever as principais características do público que participará da atividade: faixa etária, experiências anteriores de leitura, **interesses de conhecimento**, entre outras. Recomenda-se fazer um diagnóstico prévio ou uma pesquisa de opinião para conhecer os interesses do público).



8. Plano das atividades de leitura

Descrever as principais atividades programadas de leitura utilizando-se de um quadro por atividade

NOME DA ATIVIDADE:

OBJETIVO DA ATIVIDADE	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E LIVROS A SEREM UTILIZADOS	TEMPO DA ATIVIDADE E FREQUÊNCIA	MEDIADOR

NOME DA ATIVIDADE:

OBJETIVO DA ATIVIDADE	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E LIVROS A SEREM UTILIZADOS	TEMPO DA ATIVIDADE E FREQUÊNCIA	MEDIADOR



9. Equipe do projeto

Nome	Função	Carga horária

10. Observações gerais



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Prazer em Ler

10. Orçamento para 2008 (Anexar tabela de desembolso mensal como nos anos anteriores)

ORÇAMENTO PREVISTO PARA O PERÍODO ANUAL DE ACORDO COM OS PERÍODOS SEMESTRAIS		
NOME DA ORGANIZAÇÃO		
Total solicitado ao IC&A	R\$	
Total recebido do IC&A	R\$	
Total aplicado no período 2008/2009	R\$	
	CUSTO TOTAL	
	MAR - JULHO	AGOSTO - FEV
ACERVO		
Aquisição de livros/ Compra de CD e DVD		
Assinatura de jornal/ revista		
Assinatura de Revista		
Assinatura de TV		
DVD com Documentários		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
ESPAÇO DE LEITURA		
Construção		
Reforma		
Móveis e utensílios		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
PAGAMENTOS DE PESSOAL		
Mediadores de leitura (quantidade)		
Serviços de terceiros (especificar)		
Coordenador do projeto		
Outros funcionários (especificar)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
EQUIPAMENTOS		
Computadores		
Outros (especificar)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
MATERIAL DE SUPORTE PARA AS PRÁTICAS DE LEITURA		
Material Pedagógico/Material de divulgação (especificar)		
Alimentação		
Deslocamento		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
DESPESAS ADMINISTRATIVAS		
Despesas Administrativas (especificar)		
Impostos		
Despesas Extras (DE) (especificar)		
Não identificadas (DI)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
Total dos Custos por período	R\$ 0,00	R\$ 0,00



ANEXO 6

**RELATÓRIO INSTITUCIONAL DE
ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO DE LEITURA**

PERÍODO

Nº DO RELATÓRIO:

1º RELATÓRIO - 15/07

2º RELATÓRIO - 15/02

Nome da organização:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

Site:

Cidade:

Projeto:

Data de implantação (dia/mês/ano):

Unidade(s) C&A participante(s):

Nº de voluntários do Instituto C&A:

Responsável Institucional:

Educador mediador:



1. Palavras do Educador



2. Sobre o planejado e o realizado

2.1. Considerando os objetivos do projeto e os resultados a serem atingidos, quais foram as ações planejadas para o alcance dos mesmos?

2.2. Verificando o planejamento das ações do projeto, o que foi realizado? O que não foi? Houve mudanças? Quais foram e por quê?



Sistema de Acompanhamento e Avaliação Programa Prazer em Ler

2.3. Considerando o planejamento das **atividades de leitura**, descrever quais foram realizadas, utilizando-se dos quadros abaixo (utilizar quantos quadros forem necessários).

NOME DA ATIVIDADE:

PÚBLICO:

(Descrever as principais características do público que participou da atividade)

OBJETIVO DA ATIVIDADE	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E LIVROS A SEREM UTILIZADOS	TEMPO DA ATIVIDADE E FREQUÊNCIA	MEDIADOR

NOME DA ATIVIDADE:

PÚBLICO:

OBJETIVO DA ATIVIDADE	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E LIVROS A SEREM UTILIZADOS	TEMPO DA ATIVIDADE E FREQUÊNCIA	MEDIADOR



3. Quais foram os procedimentos utilizados para a avaliação do projeto?

4. Quem participou da avaliação? Como participou?

5. Utilizando o Instrumento de acompanhamento e avaliação do projeto (anexo) como foi avaliado o desempenho do seu projeto no período?

Breve parecer

6. Considerando os dados da avaliação, aponte as principais ações a serem implementadas na continuidade do projeto.

1ª Ação:	
2ª Ação:	
3ª Ação:	
N.	



7. Acompanhamento financeiro : DESPESAS REALIZADAS NO PERÍODO		
NOME DA ORGANIZAÇÃO:		
Total solicitado ao IC&A	R\$	
Total recebido do IC&A	R\$	
Total aplicado no período	R\$	
	CUSTO TOTAL	
	MAR - JULHO	AGOSTO - FEV
ACERVO		
Aquisição de livros/ Compra de CD e DVD		
Assinatura de jornal/ revista		
Assinatura de Revista		
Assinatura de TV		
DVD com Documentários		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
ESPAÇO DE LEITURA		
Construção		
Reforma		
Móveis e utensílios		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
PAGAMENTOS DE PESSOAL		
Mediadores de leitura		
Serviços de terceiros		
Coordenador do projeto		
Outros funcionários		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
EQUIPAMENTOS		
Computadores		
Outros (especificar)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
MATERIAL DE SUPORTE PARA AS PRÁTICAS DE LEITURA		
Material Pedagógico/Material de divulgação		
Alimentação		
Deslocamento		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
DESPESAS ADMINISTRATIVAS		
Despesas Administrativas (especificar)		
Impostos		
Despesas Extras (DE) (especificar)		
Não identificadas (DI)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
Total dos Custos por período	R\$ 0,00	R\$ 0,00



8. Observações gerais

Assinatura do Responsável Institucional

Assinatura do Educador

Data: / /

ANEXOS: Instrumento de acompanhamento e avaliação (indicadores),
registro das práticas e registro do acervo



ANEXO 7

FICHA DE REGISTRO DAS INFORMAÇÕES ORÇAMENTÁRIAS		
NOME DA ORGANIZAÇÃO:		
Total solicitado ao IC&A	R\$	
Total recebido do IC&A	R\$	
Total aplicado no período	R\$	
	CUSTO TOTAL	
	MAR - JULHO	AGOSTO - FEV
ACERVO		
Aquisição de livros/ Compra de CD e DVD		
Assinatura de jornal/ revista		
Assinatura de Revista		
Assinatura de TV		
DVD com Documentários		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
ESPAÇO DE LEITURA		
Construção		
Reforma		
Móveis e utensílios		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
PAGAMENTOS DE PESSOAL		
Mediadores de leitura		
Serviços de terceiros		
Coordenador do projeto		
Outros funcionários		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
EQUIPAMENTOS		
Computadores		
Outros (especificar)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
MATERIAL DE SUPORTE PARA AS PRÁTICAS DE LEITURA		
Material Pedagógico/Material de divulgação		
Alimentação		
Deslocamento		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
DESPESAS ADMINISTRATIVAS		
Despesas Administrativas (especificar)		
Impostos		
Despesas Extras (DE) (especificar)		
Não identificadas (DI)		
Total	R\$ 0,00	R\$ 0,00
Total dos Custos por período	R\$ 0,00	R\$ 0,00